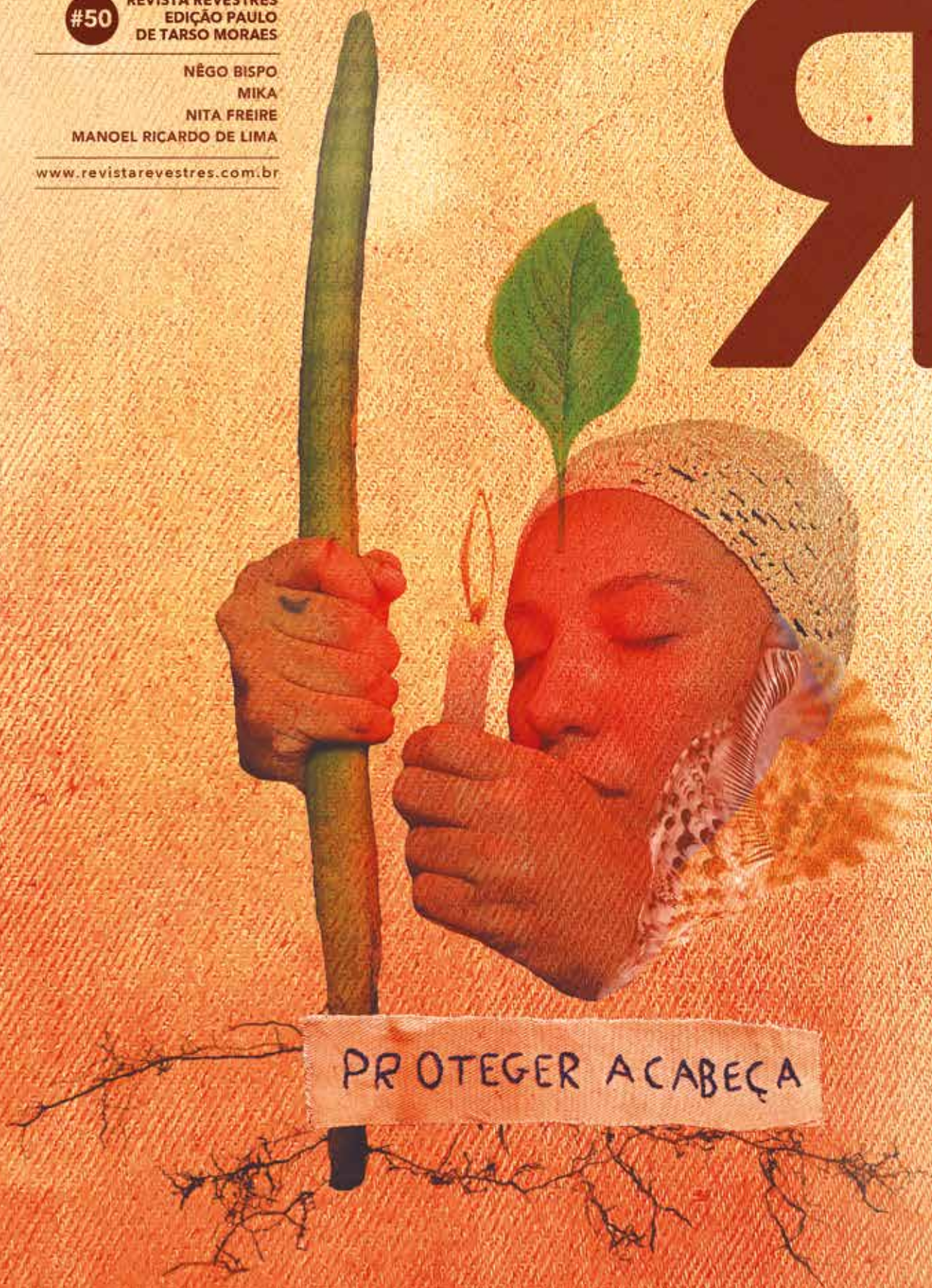
#50 REVISTA REVESTRÉS
EDIÇÃO PAULO
DE TARSO MORAES

NÊGO BISPO
MIKA
NITA FREIRE
MANOEL RICARDO DE LIMA

www.revistarevestres.com.br

Я



R$15

A luz do talento brilha no Piauí

O **E+Cultura** disponibiliza mais de **R$ 11 milhões** em patrocínio com recursos incentivados para **140 projetos**, sendo mais de um milhão de pessoas alcançadas. De norte a sul do Piauí, segmentos como música, dança, teatro, cinema, literatura e patrimônio público foram amparados pela plataforma. Assim, esses projetos ganham uma nova chance de contribuir no desenvolvimento social do estado.

E+ Cultura

equatorial ENERGIA

EDITORIAL
POR ANDRÉ GONÇALVES

SOBRE O QUINQUAGÉSIMO SONHO

Em fevereiro de 2012, ou seja, há praticamente 10 anos, a Revestrés #1 chegava às bancas. Na capa, o sorriso aberto e feliz do nosso primeiro entrevistado: o grande escritor piauiense Assis Brasil. A Revestrés surgia como resultado de sonhos compartilhados, da vontade de mostrar, não só ao mundo mas para nós mesmos, piauienses, o quanto temos de talento e capacidade de criar e, não vamos deixar de dizer, de alguma "loucura" de nossa parte: a imprescindível loucura de se acreditar no que se faz com alegria, vontade de deixar marcas pela vida e de nos sabermos parte de algo que traga conhecimento e beleza aos que nos cercam.

De lá para cá aconteceu de quase tudo, no Piauí, no Brasil, no mundo. E nas vidas de todos nós. Esta é a edição de número 50 e, de alguma maneira, em nossas 50 edições há reflexos de tudo isso: por aqui passaram sonhos, decepções, alegrias, realizações, impossibilidades. E muita coragem e resiliência, nossa, de todos os que de alguma maneira estão impressos em nossas páginas e, também, de nossos apoiadores e leitores. Aprendemos muito nesses anos com cada pessoa com que tivemos algum tipo de contato, e muito nos impressiona como parece, sim, que tudo está interconectado e se movimenta de acordo com o movimento uns dos outros. Só nos resta seguir em frente e nos movimentar.

Como diz o título da entrevista desta edição 50, agora é "começo, meio e começo", porque tudo segue se recompondo. A entrevista é com Nêgo Bispo, o quilombola que é materialização do termo "intelectual orgânico" e que, aos 62 anos e palestrando por universidades pelo Brasil e pelo mundo, nos tira do lugar de conforto intelectual em que tanto tentamos viver. Por exemplo, quando perguntado sobre o que é preciso fazer para alcançar a paz, Bispo responde: "Vá pro cemitério. Nós não somos de paz, somos de festa".

A repô de número 50 mistura nossas memórias às memórias de Teresina, que tanto procuramos reavivar e provocar. Damos uma passada por várias matérias em que falamos da cidade como patrimônio e atualizamos perguntas que já fizemos – descobrindo que, cinquenta edições depois, várias seguem sem resposta.

Memória é também o tema do quinquagésimo ensaio artístico/fotográfico que publicamos: *Pele Memória*, da artista Mika, que baseia sua criação na "palavra dos antigos", deixando seus ouvidos atentos para aqueles que "guardam a sabedoria do tempo e da terra". Lembramos ainda de procurar saber a quantas anda a lei que exige o ensino de literatura piauiense nas escolas do nosso estado, e isso se tornou matéria. Outra matéria bem curiosa é sobre artistas que, com toda piauiensidade, compõem e cantam em inglês: quem são, e por que essa opção? Curiosidade também na matéria sobre artistas que fizeram, de um Fusca, o seu circo. Isso mesmo, o Fuscirco está desfilando por nossas páginas com sua irreverência e originalidade. Ainda encontramos tempo para conversar com Nita Freire, viúva do grande e inesquecível educador Paulo Freire, e ainda para descobrir quem e porque anda espalhando, Brasil afora, biscoitos com mensagens políticas, numa biscoitagem "anti-Bolsonaro". E, é claro, essa edição #50 ainda tem muito mais, inclusive uma homenagem ao jornalista e poeta piauiense Paulo de Tarso Moraes.

Encerrando esse 2021 de tantas perdas, de tantos sonhos, de tanta necessidade de acreditar no futuro, entregamos nossa quinquagésima edição. Esperamos que seja o marco do fim de um período tão doloroso e que tudo comece a melhorar. E que em 2022 possamos ser felizes de novo. Fiquemos todos bem.

ESSA EDIÇÃO TEM APOIO CULTURAL DA EQUATORIAL ENERGIA POR MEIO DO SIEC (SISTEMA ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA) DA SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO PIAUÍ.

Assis Brasil
80 ANOS: A MAQUINA DE ESCREVER

Tá rindo de quê?

Música para ganhar

O NOVO JOGO DA ARTE

Ai de nós, Copacabana!

O PRIMITIVO TEMPO EM QUE VIVEMOS

Cadê a cultura que estava aqui?

Marcelo Evelin

RISCOS URBANOS

Nós, os lunáticos

Manoel Paulo Nunes
O HOMEM SALVO POR SUAS AFINIDADES

"É tudo uma mentirada!"

"SEMPRE FUI ASSUMIDO COMO NEGRO E GAY."

REVESTRÉS
ÚNICA

A FORÇA ESTÁ COM ELAS!

Eu faço muita coisa pra não me sentir um covarde

O MENINO DO BRASIL

Batendo no que incomoda

JORNADA ILUSTRATIVA

DOSSIÊ CULTURA

POR TRÁS DAS CORTINAS

EM BUSCA DA VERTIGEM

#AgoraÉQueSãoElas

NA FORÇA DO RITO

Marmelada

REVES
2016:
O ANO QUE
NÃO TERMINA

REVES
MINHA PÁTRIA
É MINHA LÍNGUA

REVES
A CRISE É OUTRA

REVES

REVES
Maybe you're mad

REVES

REVES
Occupy Velho Monge!

REVES
Anto Torto

REVES

REVES

REVES

REVES

REVES

REVES

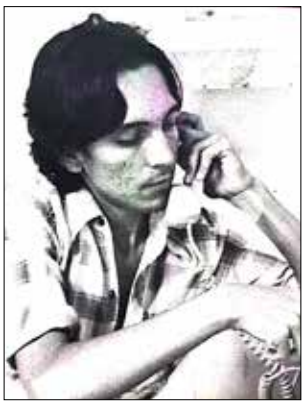
REVES

O Nordeste é, antes
de tudo, de um tudo
REVES

RESISTÊNCIA
REVES

PROTEGER ACABA

SUMÁRIO



10 ENTREVISTA
Nêgo Bispo, o quilombola do Piauí que dá palestras em universidades pelo Brasil, ouviu da mãe, Pedrina: "Você precisa dizer ao povo as coisas que sabe".

32 HOMENAGEM
Paulo de Tarso Moraes: 26 anos com jornalismo, literatura e movimentos sociais.

34 REPORTAGEM
Cadê a casa que estava aqui? 50 edições depois, Revestrés volta ao patrimônio histórico arquitetônico de Teresina.

44 ENSAIO
"Pele Memória", por Mika: arte e ensinamento a partir da "palavra dos antigos".

52 LITERATURA
Dever de casa: como anda o ensino de literatura produzida no Piauí?

56 MÚSICA
Made in Piauí: Cantando em Inglês para ser ouvida no mundo.

60 CIRCO
Num fusca 1974, hoje tem espetáculo!

64 BRASIL
Nita Freire: a pedagogia do amor de Paulo Freire.

70 GASTRONOMIA
Biscoitos #ForaBolsonaro: biscoitagem com propósito.

24 OPINIÃO
Por Karla Andrade

26 OPINIÃO
Por Cecília Bizerra Sousa

28 OPINIÃO
Por Maria Letícia Borges

30 CRÔNICA
Por Rogério Newton

74 TRABALHOS NO SUBSOLO
Por Manoel Ricardo de Lima

76 EU QUE FIZ
Por Nonato Oliveira

78 FICÇÃO
Por Marçal Aquino

80 10 DICAS
Dos Réves

82 UM OUTRO OLHAR
Por Nathan Sousa

ARMANDINHO
POR ALEXANDRE BECK

FALA LEITOR

CAPA

Linda capa!
CINTHIA LAGES (FACEBOOK)

Que capa linda! Uma das mais lindas de Revestrés.
@NAIANERAKEL (INSTAGRAM)

Ficou linda essa capa, com as fotos do Assaí, cheia de gente bonita, jovem e talentosa! ARIMATAN MARTINS

ENSAIO
PRETÉRITO E FUTURO, POR ASSAÍ CAMPELO

Fantástico! JOÃO CLÁUDIO MORENO (FACEBOOK)

Que maravilha de registros visuais!
ZENON CAMÊLO (FACEBOOK)

Massa! Só o Mestre Assaí mesmo!
HELI ALENCAR (FACEBOOK)

Parabéns pra Revista! Parabéns pro Assai Campelo!
SHIRLEY BRAGANÇA (FACEBOOK)

Me emocionei.
@IRAKERLY (INSTAGRAM)

Saudade dessa sensação de comunidade.
@LAYANEHOLANDA

ENTREVISTA
LETÍCIA CAROLINA

Maravilhosa.
CLAUDIA SIMONE OLIVEIRA (FACEBOOK)

Professora Letícia, uma potência!
@PSICOLOGA.ROSANGELAPARGA (INSTAGRAM)

Que mulher corajosa! Musa!
@ROBERTLMS22 (INSTAGRAM)

ARTIGO
HÉLIO DOYLE (DA MISSÃO PORTELLA AO PT)

Excelente texto. O melhor é o terno: "não usei porque não cabia", hahaha.
MANOEL DOURADO BASTOS (FACEBOOK)

REPORTAGEM:
CADÊ O CONTRATO QUE ESTAVA AQUI?

Li Revestrés 49 compulsivamente até o final sem levantar da rede. Leitura diversa, divertida, educadora. Aqui vai é um grito de alerta, uma lembrança do que já foi falado e antecipamos que pode se repetir: a cultura de nossa Teresina levar uma rasteira. A reportagem "Cadê o contrato que estava aqui?" traz uma pincelada do que aconteceu e dá voz a algumas pessoas que sofreram com a arbitrariedade da Prefeitura de Teresina, que marginalizou artistas e tratou por "atravessadores" os que conseguiram se organizar em associações.
@PEDROVIDAL086 (INSTAGRAM)

REVESTRÉS
LITERATURA ARTE CULTURA E ALGO MAIS

Quimera

REVISTA REVESTRÉS
EDIÇÃO PAULO DE TARSO MORAES
ISSN 2238 8478 - N°50
Novembro-Dezembro-2021

Uma publicação da:
Quimera – Eventos, Cultura e Editoração Ltda

ASSINATURAS, ANÚNCIOS, CONTATOS, E NÚMEROS ANTERIORES

Rua Arlindo Nogueira, nº 510 – norte, sala 204, Centro. Cep 64000-290 Teresina - PI

Telefone:
(86) 3011-2420 / 98884-7366
www.revistarevestres.com.br
revistarevestres@gmail.com
facebook.com/revistarevestres
twitter.com/@derevestres
instagram: @revestres

DIRETORES RESPONSÁVEIS
André Gonçalves
Wellington Soares

ADMINISTRATIVO
Adriano Leite

CONSELHO EDITORIAL
André Gonçalves
Luana Sena
Wellington Soares
Samária Andrade

REPÓRTERES
Aldenora Cavalcante
Luana Sena
Ohana Luize
Valéria Soares

EDITOR DE FOTOGRAFIA
Maurício Pokemon

DIREÇÃO DE ARTE
Área de Criação

IMPRESSÃO
Halley SA Gráfica e Editora

COLABORADORES#50

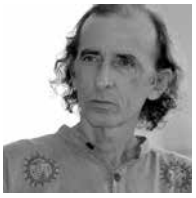
ALEXANDRE BECK / Armandinho
Catarinense, é formado em Agronomia e Comunicação Social. Trabalha como ilustrador e cartunista há mais de 15 anos. Seu personagem Armandinho surgiu em 2009 e, no ano seguinte, passou a ter espaço permanente como tira de jornal. Sucesso nacional, a página de Armandinho no Facebook tem, hoje, mais de um milhão de seguidores.

MARIA SUELI R. SOUSA / Entrevista
Doutora em Direito, Estado e Constituição (UnB), mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Ufpi), graduada em Ciências Sociais (Ufpi) e Direito (Uespi). É professora da Ufpi e pesquisa especialmente os temas de direito socioambiental, territorial, direitos humanos e populações tradicionais e quilombolas.

KARLA ANDRADE / Opinião
Defensora Pública do Piauí. Idealizadora e Coordenadora do Projeto Vozes dos Quilombos da DPE Piauí. Pós-graduada em Direitos Humanos e Democracia pela FAR. Graduada em Direito pela Ufpi.

CECÍLIA BIZERRA SOUSA / Opinião
Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (Ufpi), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (Ufmg), com pesquisa sobre mobilizações de mulheres negras e indígenas no Brasil.

MARIA LETÍCIA SOUSA BORGES / Opinião
Aluna de graduação da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília (UnB). Piauiense, reside em Brasília (DF) há 5 anos. Integra grupos de pesquisa na área de Teoria Constitucional, História do Direito e Literatura e Cultura. Possui como áreas de interesse os estudos da Literatura Russa, da Análise Crítica do Discurso, do Direito Constitucional Comparado e da História do Cinema.



ROGÉRIO NEWTON / Crônica
Cronista, poeta, romancista. Publicou *Ruínas da memória* (1994), *Pescadores da tribo* (2001), *Último round* (2003), *Conversa escrita N'água* (2006), *Grão* (2011), *No coração da noite estrelada* (2015) e *Crônica dos enigmas de Oeiras* (2017).

MIKA / Ensaio
Inraizada em Teresina -PI, arte educadora formada pela Universidade Federal do Piaui. Tenho baseado meu processo criativo nos últimos tempos partindo da oralidade e da escuta como fio condutor, o que tenha chamado de "Palavra dos antigos" raiz essa que se expande em desenhos, bordados, colagem têxtil, instalação etc. Participo de exposições coletivas entre Teresina e Fortaleza.

foto: Amanda Queiroz

MANOEL RICARDO / Trabalhos no subsolo
Professor da Escola de Letras e do PPGMS, Unirio. Publicou *Pasolini: retratações* (7Letras, 2019, com Davi Pessoa), *Avião de alumínio* (Quelônio, 2018, com Júlia Studart), *Maria quer o mundo* (Edições SM, 2015), entre outros. Coordena a coleção Móbile de miniensaios (Lumme Editor).

NONATO OLIVEIRA / Eu que fiz
Piauiense de São Miguel do Tapuio, artista plástico, abandonou as faculdades de Direito, Economia e Matemática para se dedicar à arte. Tornou-se referência, com obras espalhadas pelo Brasil e exposições em vários países. Seu grande destaque são os murais que retratam traços da cultura nordestina.

MARÇAL AQUINO / Ficção
Paulista de Amparo, nascido em 1958. Destaca-se como jornalista, escritor e roteirista de cinema e televisão. Entre os livros publicados, estão *O amor e outros objetos pontiagudos*, *Faroestes*, *O invasor*, *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* e, recentemente, *Baixo esplendor*. Tem sua obra lançada em vários países.

NATHAN SOUSA / Um outro olhar
Tecnólogo em Marketing, professor, ficcionista, ensaísta, poeta, letrista e dramaturgo. Tem vários livros publicados, dentre eles, *Um esboço de nudez* (2014) e *Semântica das Aves* (2017). Foi finalista do Prêmio Jabuti 2015 e do I Prémio Internacional de Poesia António Salvado. Venceu por cinco vezes os prêmios da União Brasileira de Escritores, além do Prêmio Cidade de Manaus 2021 de poesia.

Permita-se sentir
o verdadeiro conforto!
colchaoonix.com.br
COLCHÃO
Onix®
ISO
colchaoonix
Você merece o prazer
de cuidar do corpo e
da mente, dormindo!
PRESIDENT
VENDAS: (86) 3131.6300
vendas@socimol.com.br
Av. Pedro Freitas, 4000, Tabuleta
CEP.: 64019-734 - Teresina - PI

COMEÇO, MEIO E COMEÇO

Ele dá palestras em universidades pelo Brasil e recusa títulos. Rejeita o Estado e aponta o que devemos aprender com a vida nos quilombos. Aos 62 anos, ensino formal até a oitava série (nono ano), dois livros publicados, o quilombola Nêgo Bispo dá concretude ao termo intelectual orgânico.

QUEM PARTICIPOU DESTA ENTREVISTA:

André Gonçalves
Publicitário, escritor, fotógrafo

Maurício Pokemon
Fotógrafo

Samária Andrade
Jornalista, professora da Uespi

Wellington Soares
Professor e escritor

Maria Sueli Rodrigues de Sousa
Convidada Revestrés

EDIÇÃO SAMÁRIA ANDRADE
FOTOS MAURÍCIO POKEMON

O céu atrás de Nêgo Bispo estava entre o azul e o rosa àquela tarde, quando começamos a conversar. Nosso encontro aconteceu pelo aplicativo meet e ele falava na varanda da casa da filha – "Aqui a internet é melhor" –, no Quilombo Saco-Curtume, onde mora, a cerca de 450 quilômetros de Teresina, capital do Piauí.

Nêgo Bispo se registrou sozinho, aos 12 anos de idade, como Antônio Bispo dos Santos. Quando perguntaram o nome de seu pai, separado da mãe Pedrina Maria de Jesus desde que o menino tinha sete anos, ele diz que imaginou chamar-se Manoel Bispo dos Santos. "No cartório, foram me fazendo perguntas e *pufo*: me registrei!". Somente 20 anos depois o pai de Antônio Bispo se registra e escolhe um nome diferente: Manoel Bispo Chaves. "Deixa eu dizer uma coisa engraçada: institucionalmente, eu não tenho pai". O codinome Nêgo surgiu no movimento sindical e, em 2007, quando lança seu primeiro livro, *Quilombos: Modos e significados*, ele assina Nêgo Bispo. "Eu gostei do nome Nêgo". Essa é a primeira história que nos conta o ex-sindicalista e um dos nomes de maior expressão nacional no movimento quilombola e movimentos de luta pela terra. Bom de papo, muitas outras narrativas trazem vestígios dos aprendizados nos quilombos: parecem fábulas, muitas vezes recorrendo a animais para sugerir ensinamentos.

Ele nasceu no Vale do Rio Berlengas, antigo povoado Papagaio, hoje município de Francinópolis (PI), com cerca de cinco mil habitantes. Terminou o estudo formal em escola pública, aos 18 anos, indo até o ginásio completo, àquela época. Vindo de família não alfabetizada, conta que a ideia de estudar veio de sua gente, que "estava sendo atacada". Com uma tradição oral, a comunidade foi surpreendida por processos de regularização de terras, determinados pelo Estado brasileiro, que trouxe à tona documentos antes inexistentes, dando conta de outros donos para os locais onde sempre viveram. "Os contratos orais estavam sendo substituídos por contratos escritos, o pessoal branco começou a nos impor determinadas normas e nós não dominávamos a escrita. Então fui pra escola, pra fazer a tradução desses contratos".

Chegando à oitava série (nono ano), a comunidade e o próprio Bispo acharam que era o suficiente. Com o que aprendeu, além de traduzir os contratos, Bispo era requisitado para todos os trabalhos em que houvesse palavra escrita e necessidade de leitura. Lia e escrevia cartas de amor para terceiros, fazia contabilidade para açougue, conferia despesas e receitas de leilão e festa de botequim.

Viu televisão pela primeira vez aos 15 anos e ficou deslumbrado com as imagens do Rio de Janeiro. "Pensei: essa é a cidade que eu quero conhecer." Aos 18 anos e com diploma do ginásio, partiu. Seu plano nunca foi juntar dinheiro e voltar, como muitos migrantes nordestinos. Trabalhava, juntava uma pequena quantia, pedia demissão e passeava, conhecendo novos lugares. Voltava em Francinópolis e, quando o dinheiro acabava,

> O CRISTIANISMO AUTORIZOU O ESTADO A FAZER O SERVIÇO SUJO, MAS DIVIDIU COM ELE O RESULTADO. A IGREJA É O LOBO VESTIDO DE CORDEIRO QUE ELA TANTO FALA.

ia de novo para o Rio. Teve mais de 15 subempregos, a maioria de ajudante de supermercado, mas também em lanchonetes e no metrô. "Foi importante para que eu compreendesse como o povo da cidade vive e pensa e o que pensa sobre nós".

Viveu nessa vida itinerante por cinco anos, até 1983, quando voltou a viver em Francinópolis. "Minha família me educou para trabalhar na roça e eu volto para viver a minha vida real, que é de lavrador", justifica. Bispo se dedicou de tal modo à roça que vivia praticamente isolado do povo de sua comunidade. Até que a mãe lhe chama para uma conversa: "Meu filho, você estudou pra ajudar nós, não estudou só pra você. Se você tá cuidando só da sua roça, então o saber que nós lhe demos está perdido. Você precisa dizer ao povo as coisas que sabe."

Com a lição de Pedrina, Bispo passa a andar na cidade e fazer contatos. Torna-se presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francinópolis e, com atuação reconhecida, muda-se para Teresina e integra a diretoria da Fetag-PI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura. Quando chega a Constituição de 1988, pós ditadura militar e com avanços sobre modos de conceber o homem do campo, povos indígenas e quilombolas, Bispo acompanha essas discussões ouvindo notícias no rádio. A Constituição foi promulgada e ele já conhecia a maioria das leis e as discutia com seu povo. Conta que tentou debater a questão quilombola com os companheiros da Fetag, mas não encontrou espaço. "As pessoas achavam que tudo se resolvia com a discussão de luta de classes e que quilombola era igual a agricultor rural". Convencido de que não conseguiria avançar na discussão, ele renunciou à direção da Fetag e, desde o final dos anos 1990, se dedica prioritariamente às questões quilombolas. Também se desfiliou do PT (Partido dos Trabalhadores) e deixou inclusive de votar. Foi um dos criadores e é diretor da Conaq (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas). Por fim, mudou-se de Francinópolis para a região de São João do Piauí, "porque lá existem mais comunidades negras caracterizadas como quilombos."

Nêgo Bispo é casado há 39 anos, tem dois filhos e duas filhas e diz que outros tantos que já não dá conta de dizer, além de quatro netas e três netos. Tem dois livros publicados, inúmeros artigos e poesias, está escrevendo dois outros livros e tem sido presença constante em palestras em universidades públicas por todo o Brasil. Com suas experiências de vida, foi desacreditando do Estado como instância reguladora justa. Considera que ele sempre cede aos poderes econômicos. Mesmo assim, sua maior presença nas universidades pode estar sendo facilitada pelo mesmo Estado que, numa resolução do MEC (Ministério da Educação), datada de 2018 com base em resoluções da década anterior, estabeleceu novas diretrizes para a Extensão na educação superior, determinando, entre outros pontos, maior troca de conhecimentos entre comunidade acadêmica e diferentes comunidades sociais, como as quilombolas. Dessas comunidades, Bispo traz elementos às vezes incompreensíveis para a lógica neoliberal. Parece estar tateando um novo mundo possível, em muitos aspectos mais arcaico ou tradicional, mas que promete enxergar além.

Uma lua cheia iluminava o céu atrás de Nêgo Bispo. Era noite quando terminamos de conversar.

SAMÁRIA Somente a Constituição brasileira de 1988 reconheceu o direito à propriedade de terras a comunidades quilombolas, buscando reparação aos descendentes de povos africanos escravizados (o direito indígena à posse de terras foi garantido na Constituição de 1934). Quando você nasceu, seu local e povo não se chamavam quilombos e quilombolas. Como se deu esse seu entendimento?

NÊGO BISPO Quando nasci a região onde hoje é Francinópolis tinha aproximadamente 18 engenhos de rapadura - 15 dos pretos e três dos brancos, operados pelos pretos. Meu bisavô dominava toda a cadeia produtiva da cana, do plantar até fazer açúcar. Minha tia-avó, Mãe Joana, detinha todo o saber da lavoura do algodão: plantava, colhia, fiava, tecia, tingia e fazia a roupa. Tio Norberto plantava cana e entregava a rapadura pronta, e fazia o engenho e o carro de boi. Então nós, pretos, tínhamos um poder enorme, um saber extraordinário. E não tínhamos memória de escravidão - porque éramos quilombolas. Agora, quem ia dizer que era quilombola? Quilombo era considerado organização criminosa desde o início da colonização. Também foram criminalizadas as expressões culturais quilombolas: capoeira, samba, religiões de matriz africana. Quando a Lei Áurea veio (1888), não revogou a criminalização. Entre 1888 e a Constituição de 1988, são 100 anos de silenciamento jurídico sobre o povo quilombola. Só quando o quilombo passa a ser organização de direitos o nosso povo se diz quilombola. É uma questão de inteligência. O engraçado é que antes o Estado dizia que éramos quilombolas e nós dizíamos que não; a partir de 1988 a gente diz que é quilombola, e o Estado diz que não somos.

ANDRÉ Estamos em 2021 e os quilombolas continuam a sofrer discriminações e descasos. Como você vê a situação das comunidades de quilombo hoje, diante do governo Bolsonaro, que se manifesta publicamente contra esses povos?

NB Quilombolas e indígenas têm trajetórias paralelas, porém confluentes. O quilombola foi tratado como criminoso e o indígena como selvagem. Depois fomos reconhecidos como povos de direitos, mas a Constituição não é o nosso lugar. Quilombolas e indígenas negaram o Estado de direito. Entramos no Estado para transfluir esse Estado e confluirmos nos nossos territórios. O Estado sempre maltratou quilombolas, Bolsonaro só deu maior publicidade a isso. O quilombo de Caldeirões (Ceará), foi bombardeado pelo exército brasileiro ainda nos anos de 1930. Quem mandou? Getúlio Vargas. Ele também mandou matar e tocar fogo no

quilombo Pau de Colher, na divisa entre Piauí e Bahia. E Getúlio Vargas é vangloriado, nome de avenida, hospital. E foi um etnocida! (fala com ênfase). A sociedade eurocristã monoteísta está vivendo um desastre, e quem aparece como possibilidade de amenizar essa situação? O pensamento quilombola e indígena. Hoje as mais importantes universidades do Brasil estão chamando os quilombolas e indígenas para discutir cosmologia, modos de vida, contracolonidade. Quem imaginou que um dia um lavrador quilombola, Nêgo Bispo, nascido no Piauí, teria um livro, escrito a partir de memórias ancestrais, na ementa de universidades do Brasil? Quem imaginou que um lavrador estivesse fazendo três *lives* por semana pra discutir confluências, cosmofobia, pensamento circular, biointeração, saberes orgânicos! Nesse momento nós, quilombolas, estamos presentes não como pessoas que devem ser ajudadas, mas como pessoas que ajudam. Hoje nosso modo de vida é referência.

MAURÍCIO Em seus textos você fala que os quilombos são perseguidos porque oferecem a possibilidade de viver diferente. Como é esse viver diferente do quilombo?

NB Que mal fez Palmares? Conseguiu viver de forma independente! O que se aprende com Canudos? Uma vida compartilhada. Antônio Conselheiro não inventou Canudos. O Estado fica colocando Antônio Conselheiro como referência para desqualificar a construção compartilhada que foi Canudos. Os quilombos mostram que dá pra viver bem de forma compartilhada e respeitando a natureza. Caldeirão chegou num nível de organização tão elevado que, na seca de 1915, foi o único lugar no Nordeste onde ninguém sofreu fome. Por que o Estado bombardeou Caldeirão? Porque aquela comunidade estava deixando os latifundiários sem mão de obra. Os quilombos preservam a natureza e a sociedade eurocristã cosmofóbica-desenvolvimentista quer destruir. Os quilombos mostram que é possível viver sem o Estado. E viver sem o Estado é acabar com a indústria da justiça, do parlamento, dos ministérios – muita gente empregada e com altos salários. O Piauí tem mais de 200 quilombos que dialogam entre si e nenhum quer dirigir o outro.

ANDRÉ Você usa as expressões cosmovisão e cosmofobia. O que elas significam?

NB Cosmovisão é uma linguagem universal, compartilhada e entendida por todos os viventes – pessoas, gado, plantas. Cosmofobia é o medo da natureza. Os eurocristãos têm pavor da terra, por isso gostam de morar em prédios, querem ficar cada vez mais distantes da terra. Agora tão até indo passear fora da órbita (risos). E quando eles ficam num determinado espaço de terra,

destroem a natureza até terem que "*se mudar pra outro lugar*" (repete a expressão três vezes). Aqui na caatinga tá cheio de italiano, espanhol, português, roubando nosso sol. Os europeus levaram pau-brasil e hoje tão levando sol através da energia fotovoltaica; tão levando vento através da energia eólica. Querem usar a natureza, mas destroem a natureza.

SUELI Como você vê a relação entre vida humana e outras vidas, as quais chamamos de natureza?

NB Quando eu tinha 10 anos meu tio Norberto pediu pra me ensinar a trabalhar na roça, e me ensinou a adestrar boi e arar terra. Ele me disse: "É você, seu irmão e dois bois. Metade do que ganharem é de vocês e metade é dos bois. E toda vez que você for pegar o boi, peça por favor. Mesmo que ele não entenda, é você quem tem que entender. É você quem precisa do boi e não ele de você. Diga: boi, por favor, me ajude a arar a terra; boi, por favor, me ajude a puxar o engenho". Antes de montar no cavalo, tio Norberto dizia: "Meu cavalo velho, por favor me desculpe, eu andei muito com meus próprios pés, hoje preciso de sua ajuda". É assim o povo quilombola. Todos os ensinamentos que recebi foram a partir da natureza. Mãe Joana contava que as abelhas foram aprender a fazer mel e a mestra das abelhas disse: "O mel é feito da flor"; aí o marimbondo *vuuu!* – Foi embora. Até hoje ele não faz mel - porque não escutou o resto da conversa. Com isso Mãe Joana me ensinou a escutar. Os animais nos ensinam muito. Os humanos, cosmofóbicos, acham que são melhores e que têm poder de vida e morte

> "TEM COTISTA QUE CHEGA NA UNIVERSIDADE E SÓ LÊ EUROPEUS E QUER ABANDONAR NOSSOS CONHECIMENTOS.

sobre as outras vidas. Mesmo os que se acham avançados, como os veganos, que não comem animais... Ora, eles pensam que as plantas não são vidas?! O humano chama quilombola de macaco achando uma ofensa e eu agradeço. Ser humano é ter uma cidade como São Paulo, com milhares morando na rua? No quilombo não tem. Ser humano é ter pessoas comendo lixo? No quilombo não tem. Ser humano é dizer que é rico e não receber uma pessoa em sua casa? No quilombo é diferente. A humanidade é uma invenção eurocristã para atacar as outras vidas. Estamos precisando animalizar a humanidade e desumanizar os animais. Nenhum outro animal morre de Covid, só os humanos. Como é que acham que são melhores se vivem nas piores situações?

WELLINGTON Que religião o movimento quilombola abraça?

NB Podemos ser de todas as religiões porque somos politeístas. O Piauí é um dos estados que tem mais quilombos praticantes de umbanda. Nosso povo não tem essa preocupação de definir uma religião. Somos o mais livre possível e compartilhamos o que dá pra compartilhar.

SUELI O catolicismo não chegou às colônias batendo o pé, violentando, mas com uma estratégia de convencer pela catequese. Como você vê o assédio do cristianismo na atualidade?

NB Quando o Papa Nicolau V assinou a bula Romanus Papal, em 1455, autorizou a coroa portuguesa – o Estado, naquele tempo – a invadir, expropriar e escravizar perpetuamente todos os locais onde o povo fosse "pagão". Ou seja: o cristianismo autorizou o Estado a fazer o serviço sujo, mas dividiu com ele o resultado. A Igreja é o lobo vestido de cordeiro que ela tanto fala. Saiu catequizando e a coroa atrás, com toda a violência. Quem não topasse ser catequizado morria ou fugia. Então não tem esse negócio de benesses da igreja. E hoje é a mesma coisa. O que são as comunidades terapêuticas? São instrumentos de saquear o Estado de forma legal para fortalecer as igrejas. Não têm comunidades terapêuticas na umbanda, no candomblé; elas são das igrejas evangélicas e católicas. Essas igrejas têm hospitais, bancos, universidades, televisão. De quem são os mais importantes colégios particulares de Teresina? Da santa madre igreja católica! Os quilombolas estudam lá? Nunca! Os indígenas estudam lá? Nunca! (fala com ênfase). Esses colégios são instrumentos de saquear o Estado e dizem que são filantrópicos para se livrarem dos impostos e enriquecerem. Toda igreja tem um estado paralelo e pega grana do Estado da forma mais descarada possível.

> "QUANDO DILMA CAIU EU DISSE: CUPIM QUE VAI PRA FESTA DE MAMBIRA DIFICILMENTE VOLTA.

SAMÁRIA Pelo seu Instagram vemos que você faz palestras por várias universidades brasileiras. Por outro lado você diz que não receberia nenhum título que uma universidade possa lhe oferecer. Por quê?

NB Nem certificados das palestras eu quero. Ora, como eu faço uma palestra e elas é que vão me certificar que eu fiz a palestra? (risos). Na minha compreensão há um saber orgânico, formado na composição da própria vida, que nos envolve e pertence a todos. É o saber ancestral, que anda comigo, que vem de Mãe Joana, tio Norberto, tio Nonato, das plantas, animais, pedras. Todo dia eu aprendo na minha roça. É um saber compartilhado e não posso carimbar esse saber como "meu". Digo que nenhuma universidade tem dignidade para carimbar esse tipo de saber. O que elas têm é um saber sintético. E é engraçado: elas querem me dar um certificado, mas não querem me pagar para fazer uma palestra. Se me pagassem eu teria condição de compartilhar esse saber com mais gente. Já fiz muita palestra de graça, mas agora finquei o pé e só não cobro quando são os estudantes que me chamam. Os professores não dão uma diária na minha roça e querem que dê uma diária na sala de aula deles! Se eu não tenho memória de escravidão física por que vou compor uma memória de escravidão intelectual? Jamais!

> NÃO USO O NOME GENOCÍDIO PRA FALAR DE BOLSONARO PORQUE EVITO O MÁXIMO POSSÍVEL FALAR SOBRE ESSE MOÇO.

SAMÁRIA E o que você faz quando lhe entregam os certificados?

NB Jogo na primeira lata de lixo que encontro.

SAMÁRIA Bom saber (risos).

WELLINGTON Que tipo de leitura circula no movimento quilombola?

NB Circula mais a oralidade, o contar histórias. Claro, temos quilombolas que estão nas universidades e uma geração mais nova que lê mais. Eu indico as leituras de *Palmares: a Guerra dos Escravos*, de Décio Freitas, e os escritos do nosso Clóvis Moura.

SAMÁRIA Nos Estados Unidos o movimento negro popularizou o lema antirracista "vidas negras importam". Você já disse que essa não é uma frase quilombola, mas da esquerda colonialista. E defendeu a ideia de que "todas as vidas importam". Você não tem receio dessa afirmação soar próxima à direita conservadora, que usa essa ideia para tentar deslegitimar o movimento negro?

NB Não, porque quando a direita ou o movimento negro americano falam sobre isso, estão falando só sobre os humanos. E eu quero é aprofundar essa ideia e falar sobre as demais vidas – bichos, plantas, tudo! E na verdade já até mudei um pouco minha fala e nem digo mais "todas as vidas importam", mas "todas as vidas são necessárias". Eu tô tirando a palavra "importa", "importante", porque ela não é boa pra nós, ela vibrou ruim no meu corpo e fui me afastando dela.

ANDRÉ Recentemente uma peça de teatro sobre Esperança Garcia, em Teresina, usou uma atriz branca e isso causou grande repercussão negativa. O que você acha desse fato e como vê os chamados movimentos identitários, a partir de sua trajetória nos quilombos?

NB Achei que o movimento negro em Teresina foi muito fraco e devíamos ter impedido essa peça de se apresentar no Piauí. É uma falta de respeito trazer uma mulher não negra para representar Esperança Garcia, logo uma das mais belas referências de mulheres que temos na nossa trajetória. Nunca colocaram uma pessoa preta para representar Dom Pedro I, Dom João VI – e acho que nem os pretos iriam querer – e por que uma pessoa não-preta para representar Esperança Garcia? O povo preto deve tentar constranger esse diretor. Na hora que a ancestralidade me permitir vou tentar criar uma poesia constrangendo esse moço, porque nada melhor que o constrangimento pela poesia e ele merece ser constrangido.

SAMARIA Ele é negro.

NB Merece ser constrangido principalmente por ser negro e promover isso.

MAURÍCIO A discussão sobre cotas nas universidades divide opiniões. Recentemente Mano Brown defendeu cotas raciais, se contrapondo a Fernando

Holiday, que defende cotas sociais. Qual sua posição sobre a inclusão por meio das cotas raciais?

NB Não discuto inclusão, não quero ser incluído no Estado colonialista. Discuto reconhecimento, respeito. Nós pensamos do segmentado para o integrado: se uma pessoa no quilombo não estiver bem, o quilombo não está bem. Mas o sistema eurocristão quer consertar primeiro o Estado para depois consertar a vida do povo. Não fiz a luta pelas cotas, sou lavrador e não tem nenhum curso que me interessa na universidade. Vou fazer agronomia para botar veneno na minha roça?! Mas apoio quem faz a luta das cotas. E acho que quando você chega num lugar por impulsão – as cotas são um impulso - você tem como ficar lá. Mas quando você chega por gravitação, não tem força pra ficar. E acho que a luta tem que ser pelas cotas raciais porque a diferença não é só financeira, é de cosmovisão, modo de vida, jeito de ser. O mais interessante das cotas é sua consequência: o encontro de saberes que há hoje em várias universidades. Mas temos que ter cuidado: tem cotista que chega na universidade e só lê europeus e quer abandonar nossos conhecimentos. É importante também incentivar cotas para docentes: ter quilombolas, indígenas, dando aula na universidade. E acho que faltou poesia na implementação das cotas. Elas chegaram de um jeito muito frio. O movimento social e a esquerda, de modo geral, estão decadentes de poesia.

WELLINGTON É verdade. E historicamente muitos movimentos sociais de esquerda são ou foram estimulados por formas de rituais. Que místicas o movimento quilombola utiliza para se manter coeso e estimulado?

> HOJE ESTAMOS DANDO O TOM, A PAUTA DO DEBATE NESTE PAÍS! NÓS, QUILOMBOLAS, ESTAMOS VIVENDO O MELHOR MOMENTO DE NOSSAS VIDAS.

NB Especialmente poesias e cantigas. O quilombo Costaneira (PI) tem o mestre Naldo de Lima, que utiliza batuque, reisado, umbanda, candomblé, São Gonçalo. Quando ando com ele, a gente combina: eu falo e ele canta ou dança. E tudo vai dando certo. Uma vez estávamos em Minas Gerais, numa aula de Jucá, uma defesa do povo quilombola que usa um jogo com cacetes, e a polícia chegou pra ver o que era aquilo. Naldinho foi logo ao encontro deles oferecendo aluá, que estávamos bebendo, e explicou que aquilo era uma dança regada com aluá. O policial viu que tava tudo bem e foi embora. A poesia, dança, bebida, são malandragens que podemos acessar. No Piauí, temos vários batuques inventariados pelo Iphan. A mãe Tiana, de Minas Gerais, numa audiência tensa num ministério em Brasília, puxou um ponto de umbanda e tudo se acalmou. Numa audiência sobre questões ambientais com grandes empreendimentos de mineração, também em Brasília, eu puxei uma poesia (faz pequena pausa e continua): "Nós extraímos os frutos nas árvores, eles expropriam as árvores; nós extraímos animais na mata, eles expropriam as matas dos animais; nós extraímos o peixe no rio, eles expropriam os rios dos peixes; nós extraímos a brisa do vento, eles expropriam o vento da brisa; nós extraímos o calor do fogo, eles expropriam o fogo do calor; nós extraímos a vida na terra, eles expropriam a terra da vida". O cara da Vale do Rio Doce chegou pra mim e disse: "Foi no fígado, mas foi com elegância". Então a poesia, o batuque, um conto, têm a vantagem de trazer palavras poderosas e as pessoas pararem pra ouvir.

SAMÁRIA Procurando informação sobre você, encontrei que é bom de papo e de pinga. Bom de papo deu pra perceber. E de pinga?

NB Já fui bom de pinga, hoje só gosto de uma pinga boa (risos).

ANDRÉ Que importância você considera que tenham datas como o dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, e de Zumbi dos Palmares? (Zumbi, o último líder do Quilombo dos Palmares, maior quilombo do período colonial, em Alagoas, foi degolado aos 40 anos, em 20 de novembro de 1695, por tropa bandeirante que também incendiou Palmares).

NB Nosso povo do movimento negro urbano, que tomou como referência partidos e organizações sindicais, e que acha que dá pra resolver as coisas entrando para a lógica da inclusão ao sistema, acaba repetindo cenas como essa de homenagear Zumbi dos Palmares. Palmares existiu antes de Zumbi e continuaria existindo sem ele. Zumbi é que não existiria sem Palmares. A referência não é Zumbi, é Palmares. Assim como a referência não é Antônio Conselheiro, mas Canudos; não é beato Zé Lourenço, mas Caldeirão; não é Senhorzinho, mas Pau de Colher. Essa história de personificar a luta dá no que deu. A esquerda personificou Lula e agora só tem Lula. E se Lula morrer, o que vai ser da esquerda? Tem que festejar novembro, como tem que festejar a vida o ano inteiro, em homenagem a todas as pessoas, mas sem eleger uma pessoa para personificar.

WELLINGTON Tivemos um golpe em 2016 que depôs Dilma, uma presidenta eleita, e não vimos uma reação à altura, capaz de barrar esse golpe. Cobrou-se uma falta de reação de partidos políticos de esquerda e movimentos sociais. Há um descenso nas lutas sociais e políticas? O que podemos esperar do Brasil que se aponta para 2022?

NB Quando Dilma caiu eu disse: "cupim que vai pra festa de mambira dificilmente volta". Eu falava das alianças que o governo do PT fez. Hoje acho que foi bom aparecer Bolsonaro pra gente compreender melhor o Estado. Quando Lula assumiu, ao invés do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) ficar de fora, peitando os latifundiários e colocando Lula numa situação de constrangimento, foi pra

> A SOCIEDADE EUROCRISTÃ COLOCA O AVÔ NO ASILO E O NETO NA CRECHE. O POVO QUILOMBOLA RESPEITA OS MAIS VELHOS E AS CRIANÇAS.

dentro do governo, pro Ministério do Desenvolvimento Agrário. E o que aconteceu? A reforma agrária saiu de pauta. O MST é um movimento lindo, tenho todo o respeito e ai de quem não tiver, mas hoje é muito mais um movimento de educação no campo e nem fala em reforma agrária. O que eu espero é que cada movimento social seja percursor da sua própria trajetória e se organize primeiro internamente. E isso tá acontecendo: com a criação de escolas quilombistas e moedas indígenas, por exemplo. O governo Lula poderia ter regularizado terras quilombolas com uma canetada quando estava com mais de 70% de aprovação? Ele tinha vontade? Tinha. E por que não regularizou? Porque o Estado não permite. Quando falo de Lula, falo de nós, porque fomos nós que construímos Lula, conosco ele é uma pessoa referenciada e sem nós não é ninguém, é como se fosse o Rio São Francisco sem os afluentes. E o PT deixou de respeitar seus afluentes – os movimentos sociais. Acho que Lula volta à presidência. Mas espero que volte respeitando seus afluentes.

ANDRÉ Você não acredita no Estado como capaz de ser um regulador político social?

NB Zé Dirceu passou pelo Piauí e um dos assessores dele me levou pra uma conversa. Zé Dirceu me disse: "Se Bolsonaro ficar 20 anos no poder, não sobrará um indígena e um quilombola". Eu disse: nós temos o quilombo Lagoa, em São Raimundo Nonato, uma das maiores produções de mel orgânico no Piauí, e o Governador do Estado (PT) deu licença para fazerem mineração, mesmo com parecer do Ministério Público e da Defensoria Pública dizendo que era ilegal. Então o problema não são os governos, é o Estado! Quando Osmar Araújo (PCdoB) era vice-governador de Mão Santa (PMDB) a esquerda tava confusa, achando que isso melhoraria alguma coisa. Se você acredita que o fato de um trem ter muitos vagões e você poder escolher o vagão que vai entrar qualifica sua viagem – parabéns! Se você acredita que o fato de um trem ter um maquinista ruim e um sub-maquinista bom, vai mudar o rumo da sua viagem – parabéns! Você deve acreditar, inclusive, que o trem sai da ferrovia e vai andar na hidrovia. Eu compreendo que um trem só vai para onde os trilhos determinam. Se o Estado é colonialista, todo e qualquer governo será também colonialista.

SUELI E como você vê o poder em Francinópolis, cidade que teve seus primeiros habitantes negros e foi tomada pelos brancos?

NB O povo negro perdeu o poder em Francinópolis quando veio a regularização de terras no início dos anos de 1940. A lei dizia que os posseiros deveriam comprar suas posses, pagando ao Estado. O povo negro se recusou: como vamos comprar o que já é nosso? Depois de muita insistência, algumas de nossas pessoas compraram terras. Só que não sabiam que, além de pagar, precisavam demarcar, fazer escrituração, registro de imóveis. O que os não-negros colonialistas fizeram? Compraram as posses dos terrenos onde nunca viveram e fizeram registro de imóvel. Anos mais tarde chegaram dizendo: "Essas terras são nossas. Já que vocês não compraram, nós compramos". Aí nosso povo perdeu poder. Francinópolis passou a ser um lugar muito mais de comércio e, quando se institucionalizou o poder político, ele foi assumido pelo povo branco. Mas nosso povo tem uma memória de liberdade e hoje não dá pra dizer que exista um "poder branco" em Francinópolis. É muito diversificado.

SAMÁRIA A palavra genocídio tem sido discutida. Alguns a usam para se referir a Bolsonaro, especialmente no tratamento a povos indígenas e às vítimas da pandemia de Covid-19. Você usa a palavra etnocídio para falar da matança de comunidades quilombolas. Concorda com a denominação de genocida para Bolsonaro?

> O QUE PRECISAMOS FAZER PARA ALCANÇAR A PAZ? VÁ PRO CEMITÉRIO. NÓS NÃO SOMOS DE PAZ, SOMOS DE FESTA!

NB A gente perde muito tempo falando dos defeitos dos outros ao invés de falar de nossas qualidades. Quando falo de Caldeirão, Pau de Colher, uso o termo etnocídio. Não uso o nome genocídio pra falar de Bolsonaro porque evito o máximo possível falar sobre esse moço. Quando ele assumiu estive na Universidade de Brasília e me perguntaram o que vamos fazer diante de tanta merda que ele fala? Eu disse: meus amigos, merda é adubo, vamos fertilizar nossas mentes para pensar coisas boas. Mãe Joana dizia "meu filho, palavras boas, horas algumas; palavras ruins, horas nenhuma". Então não é momento de estar falando em genocídio, porque essa é uma palavra ruim. E nós não perdemos! Hoje todas as universidades estão discutindo cosmologia, cosmovisão, estamos dando o tom, a pauta do debate neste país! E nós, quilombolas, estamos vivendo o melhor momento de nossas vidas.

SAMÁRIA Você deu várias indicações do que a gente pode aprender com o modo de vida quilombola. Por que parece que a gente não tá ouvindo esses aprendizados? Ou o que a gente pode fazer para ouvi-los melhor?

NB Conversar com nossa geração avó. Quem não tiver avô, que peça emprestado os avós dos outros. Na sociedade eurocristã monoteísta a geração avó não tem valor. A família é entendida como mãe-pai-filho. E isso tem um fundo bíblico, porque Deus é pai, mas não é avô. A cosmologia desse povo tem começo, meio e fim. Nós temos começo, meio e começo de novo. A sociedade eurocristã coloca o avô no asilo e o neto na creche. O povo quilombola respeita os mais velhos e as crianças.

WELLINGTON Bispo, você é uma pessoa feliz?

NB Sou uma pessoa festiva. Me perguntaram o que precisamos fazer para alcançar a paz, e eu disse: vá pro cemitério. Lá é o lugar mais próximo da paz - quando os vivos não estão lá. Nós não somos de paz, somos de festa! Não sou um cara feliz, sou festivo, faço festa, sou alegre, me sinto acarinhado, tenho amizades, vivo bem. Não tenho o que reclamar da vida.

Ritual de encerramento

Ao final da entrevista, sentindo falta de um ritual de encerramento, Bispo pediu para recitar uma poesia de sua autoria. Escolheu uma que fez para o povo da Favela da Maré, Rio de Janeiro, onde, em 2018, recebeu o prêmio Mestre das Periferias, ao lado do líder indígena Ailton Krenak, da escritora Conceição Evaristo e da vereadora Marielle Franco (in memoriam). O prêmio é organizado pelo Instituto Maria e João Aleixo e pretende promover a produção de conteúdos sobre o território das favelas e periferias, fortalecendo a valorização desses espaços que consideram plurais e inventivos, ricos de saberes orgânicos.

Essa poesia de Nêgo Bispo, que ele diz "demonstrar a grandeza de nossa trajetória", foi musicalizada por Lazzo Matumbi, nome artístico de Lázaro Jerônimo Ferreira, baiano, cantor, compositor e ativista dos direitos humanos, oriundo do bloco afro Ilê Aiyê.

Nós, caminhando pelos penhascos,
atingimos o equilíbrio das planícies.
Nós, nadando contra as marés,
atingimos a força dos mares.
Nós, edificando nos lamaçais,
atingimos a firmeza dos lajeiros.
Nós, habitando nos rincões,
atingimos a proximidade da redondeza.
Nós somos o começo, o meio e o começo.
Existiremos sempre,
sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias.
Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia.

DISPOSIÇÃO PARA MARRETAR

"Venha preparado ou não venha". Esta frase serviu de inspiração para Toni Morrison escrever a obra Paraíso, de 1998. Em uma entrevista, a autora contou que o aviso constava em um cartaz dirigido a pessoas negras que pretendiam se estabelecer em uma cidade norte-americana, para onde só deveriam migrar se tivessem recursos financeiros. A crueldade do racismo e as diferentes formas de lutar pelos direitos civis para os negros dos anos de 1960 foram retratadas por Morrison em seus livros, também inspirada pelas falas de líderes como Malcolm X e Marthin Luther King.

"Venha preparado ou não venha". A frase martelava em minha mente. Era fevereiro de 2017 quando cheguei à Comarca de Oeiras para assumir a 2ª Defensoria Pública, com o dever de promover os direitos civis das pessoas e dos grupos vulnerabilizados da região. Oeiras é terra de Esperança Garcia, e possui 12 comunidades quilombolas no seu entorno. Era perceptível um constrangimento no olhar de quem não estava preparada para a grandeza do contexto histórico da primeira capital do Piauí. Como parte que somos de um país que se fundou em uma estrutura racista, inevitavelmente estamos inseridos no contexto que exclui, e replicamos em nossas condutas diárias atos que precisam ser de uma vez por todas enfrentados e expurgados.

Era quase um sonho ser parte de uma instituição que tem por missão ser um instrumento do regime democrático. Era doloroso perceber que a relação dialógica, contudo, recorrentemente, não passava de um olhar simpático, mas pouco efetivo. Longe de ser uma faculdade do membro da instituição, os defensores e defensoras públicas devem ser parte no enfrentamento aos preconceitos e aos reflexos do racismo estrutural.

Mas este olhar crítico para si e para os lados é difícil e requer disposição para marretar. Há um negacionismo que emudece as falas daqueles que não se percebem como uma peça na engrenagem racista. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva, em abril de 2021, revelou que 84% das pessoas entrevistadas reconhecem o racismo no Brasil, mas apenas 4% admitiram ser preconceituosos em relação a pessoas negras. Esta miopia leva pessoas e instituições, públicas e privadas, a um discurso de neutralidade que afeta e exclui as minorias étnicas. O professor Silvio Almeida ensina que o racismo não se resume a comportamentos individuais. Numa sociedade racializada como a nossa, as injustiças sociais também são parte das instituições, que acabam por conferir vantagens, desvantagens e privilégios a uma classe dominante, que é branca.

Sendo parte de uma instituição com atribuições

tão notáveis, não saber por onde começar ou como fazer não poderia ser apenas um motivo de vergonha, mas um chamamento à autorresponsabilidade institucional. Visitas aos quilombos e o estabelecimento de canais de atendimento rápido passaram a ser rotina neste exercício de romper barreiras. O pronto atendimento e a troca de mensagens a qualquer hora do dia acontecia tão somente com os quilombolas e com os parceiros da luta por justiça social, além, claro, de outros casos previstos em normas como prioridades. Demais demandas eram tratadas dentro da logística de agendamento, sem mais privilégios.

Em 2019, o Projeto Vozes dos Quilombos ganhou este nome e atribuição para atendimento de demandas quilombolas de todo o estado, tendo sido fomentado desde então pela gestão atual da Defensoria Pública do Piauí. Outra ação de transformação institucional importante foi a proposta, também levada pelo Vozes dos Quilombos, para a previsão de cotas raciais, tanto para os concursos de ingresso nos cargos de carreira, como nos testes seletivos de estagiários, e ainda para que se observe, sempre que possível, a equidade racial nos eventos promovidos pela instituição. Aprovada por unanimidade pelo Conselho Superior da Defensoria, e consubstanciada na Resolução CSDPEPI nº 139/2020, a medida foi adotada a partir da compreensão acerca da necessidade de termos mais pessoas negras, indígenas e quilombolas nos espaços de poder.

No âmbito nacional, as Defensorias de todo o Brasil vem estimulando este movimento antirracista. Destaca-se neste processo a campanha nacional de 2021 da ANADEP (Associação Nacional de Defensoras e Defensores Públicos) que, mediante o trabalho comprometido de sua Comissão de Igualdade Étnico-Racial, lançou o tema "Racismo se combate em todo lugar: Defensoras e Defensores Públicos pela equidade racial".

O sonho de Defensoria plural e diversa, inclusive nas funções de gerência institucional, é de muitas mentes inquietas. Mas o racismo está sempre se reinventando, e o pensamento colonial nos atravessando. Por isso este exercício de responsabilidade deve ser diário. Grada Kilomba e sua obra inspiradora e poética ensina que o racismo é um problema do branco de hoje, que, embora não sendo o responsável pela escravidão, tem a responsabilidade de equilibrar a sociedade em que vive. A visibilidade das comunidades quilombolas é, em última análise, uma oportunidade de aprendizado, um modelo de vida sustentável que pode nos salvar do caos social e ambiental, e da covardia de permanecermos inertes.

CECÍLIA BIZERRA SOUSA

PARA VALCIRANA MAIA, OU, A GRANDEZA DOS "PEQUENOS" ENCONTROS

Ainda menina, fiz meus primeiros questionamentos acerca das agruras que acometem os corpos femininos e negros, talvez por ter experienciado algumas delas em meu próprio corpo. Mais tarde, entendi que neste mundo organizado e estruturado pelo capitalismo colonialista, marcadamente sexista e racista, esse é quase o estado ordinário das coisas, e são muitos os estudos que constatam o que vivenciamos na prática: sobre os corpos e as vidas das mulheres negras, o racismo, o sexismo e o classismo atuam de forma entrecruzada, resultando na violação sistemática desses corpos e dessas vidas.

Como sinalizou bell hooks (2020), a busca pelo entendimento da experiência consiste em um processo libertador, de recuperação da própria identidade e, sobretudo, de cura. Acredito que foi por isso que busquei exercer profissionalmente uma função que me permite manter contato direto e constante com o conhecimento; busquei a pós-graduação para aprofundar e elaborar ainda mais o conhecimento acessado; busquei a psicanálise para melhor entender e transformar o que sentia.

Mas esse texto não é para falar da minha atuação profissional ou acadêmica, nem do meu processo na psicanálise. Este texto relata a percepção que tive, também muito cedo, da capacidade que nós, mulheres negras, temos de transcender e ressignificar a dor, movimentando e transformando, assim, a nossa própria realidade e a do mundo ao nosso redor.

Retorno ao ano 1996, quando tinha entre 11 anos e 12 anos, fazia a 6ª série e fui diagnosticada com uma escoliose leve causada pelo uso diário da mochila pesada no caminho até a escola. Era uma caminhada de mais ou menos 10 quarteirões, da Avenida Maranhão, onde parava o ônibus Bela Vista-Poty Velho, até a Rua Sete de Setembro, na Escola Santa Helena, onde estudei quase toda a minha vida escolar.

Nada grave, o ortopedista recomendou apenas que eu fizesse natação para corrigir o desvio e passasse a usar um "carrinho" para carregar a mochila. Meus pais me matricularam na natação do CSU (Centro Social Urbano) do Parque Piauí, o mais barato e mais próximo de casa, e foi aí que me aproximei de Layany Mourão, minha melhor amiga da época, que hoje mora fora do país, mas seguimos em amizade e contato. E foi também quando conheci Valcirana Maia, nossa professora de natação, que se aproximou muito de Layany, e, como éramos melhores amigas, era inevitável que aquela proximidade reverberasse também em mim.

Sem rodeios, Valcirana nos explicava que éramos negras, sim, que não existia raça "morena" (o que dizíamos ser) e falava para termos orgulho de nossa negritude, pois ela era sinônimo de força, de beleza, que ela jamais (não importava o que dissessem) nos

diminuiria. Isso está marcado como um carimbo na minha memória. Ela também nos emprestava exemplares da Revista Raça, para que nos reconhecêssemos ali. Foi uma oportunidade incrível de acessar novos e diferentes conhecimentos, de desenvolver amor próprio, de ter uma percepção real e digna sobre mim e, sobretudo, de sentir acolhimento.

Saímos da natação, mas lembro que ela e Layany continuaram próximas, de modo que a mãe de Layany convidou Valcirana para o aniversário surpresa de 15 anos dela. Depois disso – eu tinha 14 anos – só a encontrei novamente em 2003, quando tinha 18 anos, cursava Jornalismo na UFPI e estagiava em um programa transmitido na Rádio Pioneira de Teresina. Para minha surpresa, aquela professora de natação que nos apresentou tantas referências positivas de negritude, era também integrante de um coletivo de mulheres negras piauiense chamado Esperança Garcia, e seria uma das entrevistadas do programa.

Naquela ocasião, ouvi Valcirana, e por meio dela conheci melhor Esperança Garcia, sobre quem tinha lido brevemente no Ensino Médio, numa disciplina de História do Piauí, em 2000 ou 2001. Ainda que o contato tenha sido breve, aquela história era relevante demais para passar despercebida. E, realmente, não passou. Hoje, graças à luta de pessoas como Valcirana, o dia 6 de setembro é, desde 1999, o Dia Estadual da Consciência Negra; Esperança Garcia foi reconhecida pela OAB como primeira mulher advogada; e seu nome designa um instituto, um memorial, outros coletivos, uma maternidade, auditórios, dentre tantas outras homenagens que eu não seria capaz aqui de mencionar ou localizar.

Sem dúvida, Esperança foi uma mulher negra que marcou a história piauiense e brasileira. E Valcirana foi uma mulher negra que marcou a minha história, a de Layany e, possivelmente, de outras mulheres e meninas negras com quem se deparou. A última vez que a encontrei foi numa parada de ônibus da avenida Frei Serafim, em Teresina, talvez em 2006, 2007. Avessa a agulhas e afins, eu tinha acabado de sair de um exame médico incômodo, e, me vendo naquela situação, meio pálida, com a pressão ainda baixa, ficou comigo até eu melhorar. Se atrasou para o seu compromisso seguinte. Esperou o meu ônibus – que sempre demorava – passar. Agradeci, nos despedimos, e soube pouco tempo depois que ela havia falecido, aos 39 anos, de um jeito tão trivial... Uma queda, num hospital onde estava internada para fazer uma cirurgia relativamente simples, de apendicite.

A passagem de Valcirana por este mundo foi rápida, mas também marcante, ao menos para mim. Sou grata por ter podido ouvir suas palavras, ler suas revistas, e, sobretudo, ter recebido aquele gesto de solidariedade, o último que nos conectou. **Aquele gesto me fez entender em meu próprio corpo o que ela sempre dizia em palavras: muitas vieram antes de nós, lutaram, se ampararam, e é por isso que estamos aqui.**

Valcirana me ensinou a nadar, mas arrisco dizer que, se não me ensinou a voar, ajudou-me a perceber que tinha asas... As asas que moram na minha capacidade de sonhar e realizar. As asas que me conduziram a voos que nunca imaginei alçar, mas que o fiz porque guardava e guardo em mim a certeza de que nada nem ninguém pode me subjugar. Valcirana deu as primeiras lições, mas demorei a aprender isso de fato, é verdade, e acredito que sigo aprendendo. Certos voos, contudo, tenho exercitado continuamente desde então: o de sentir, o de pensar e o de levar para a ação concreta os frutos desse sentipensar. Em um movimento ainda tímido, mas também concreto, busco colocar essas reflexões à disposição do mundo, seja em teoria e em texto, seja em palavra e em ação.

É nesse contexto que escrevo e publico essas linhas. Além de deixar registrada a alma desse encontro que, sem dúvida, mudou o curso da minha vida e conectou-me a uma centelha interna que insiste em brilhar, em teimar, em esperançar, desejo que essas linhas inspirem outras mulheres a modificar a realidade a seu redor, ainda que com "pequenos" gestos. Certas ações parecem pequenas, mas podem impactar definitivamente uma vida, que irá impactar outras vidas, que irão transformar a realidade ao redor. A você, Valcirana, meu agradecimento. Você vive. Em Layany, em mim, e em quem mais nossa presença for um dia inspirar.

MARIA LETÍCIA BORGES

A CONSTRUÇÃO PARÓDICA DE MACUNAÍMA

Mário de Andrade foi um dos fundadores da primeira fase do Modernismo brasileiro, movimento que surgiu no início do século XX a partir do crescimento urbano e industrial da cidade de São Paulo e que teve como marco a Semana de Arte Moderna de 1922. O projeto estético modernista caracterizou-se pelo rompimento com a linguagem tradicional e pela destruição das estéticas anteriores, com o objetivo de reconstruir a cultura brasileira, revisar criticamente a história e as tradições culturais nacionais e se desvincular de valores estrangeiros. Apesar disso, o movimento foi influenciado pelas vanguardas europeias a incorporar o popular e o primitivo à arte, em oposição ao racionalismo e cientifização do pensamento. O Modernismo buscou, portanto, uma moderna cultura brasileira a partir de uma visão folclórica e alheia ao cânone — crítico não apenas da linguagem sistematizada e do racionalismo, mas também das próprias estruturas tradicionais.

O enredo de *Macunaíma* narra a trajetória do anti-herói de mesmo nome, um *trickster* mitológico que transita entre uma floresta folclórica e a cidade de São Paulo. Inserido nesse contexto, *Macunaíma* se firma como uma síntese dessas características do Modernismo, ou seja, utiliza a técnica de *bricoleur* para combinar elementos distintos e formar uma unidade estrutural em si. Observa-se a assimilação do folclore, da oralidade popular e da tradição erudita na obra, a fim de reconstruir criticamente a história brasileira. Vale ressaltar, ainda, o projeto nacionalista em que Macunaíma estava inserido, já que o autor cria uma utopia geográfica e uma indeterminação temporal como alegoria para a coexistência regional, de modo a estabelecer um elemento unificador da pátria (GAIO, 2016).

O capítulo IX do livro, *Carta pras Icamiabas*, trata de uma carta enviada por Macunaíma à tribo exclusivamente feminina, solicitando recursos para continuar a aventura e informando-lhes sobre suas supostas aventuras no centro urbano. O capítulo se situa no meio da obra, na qualidade de *intermezzo*, diferindo-se da parte anterior e posterior do livro. Vale observar que este capítulo introduz o gênero carta no romance e apresenta um estilo de escrita completamente distinto do resto do livro. Nela, o personagem de Macunaíma substitui o narrador e traz ao enredo sua própria perspectiva. *Carta pras Icamiabas* é uma espécie de corpo estranho entre os capítulos, que instaura um contraste intencional. No caso, a combinação de gêneros é técnica formativa da obra, pois está de acordo com as intenções do autor de "destruição" dos moldes tradicionais do discurso para a criação de algo novo.

Existe, assim, uma clara oposição entre o discurso do narrador e o discurso de Macunaíma no capítulo — o narrador emprega a língua culta, ao passo que Macunaíma tenta reproduzir o que assimilou do discurso erudito. Dessa forma, sua carta apresenta uma sucessão não digerida de frases, trechos de poesia, discursos verborrágicos, citações em língua estrangeira, expressões em latim, ou seja, uma exposição desordenada de frases sem sentido.

A dissonância entre discursos configura heterodiscurso — conceito bakhtiniano — na obra. A voz do personagem principal traz, ao mesmo tempo, duas intenções: a intenção direta do falante e a intenção refratada do autor, trazendo assim duas vozes, dois sentidos e duas expressões (BAKHTIN, 2015). Ao discurso parodístico é análogo o emprego da ironia e da ambiguidade no discurso do outro, pois também nesses casos esse discurso é empregado para transmitir intenções que lhe são hostis (BAKHTIN, 2013).

Assim, a intenção refratada de Mário de Andrade, ao destacar a afetação pedante da carta, foi ironizar a erudição como arma retórica, isso ao retratar Macunaíma encantado com a civilização, com a ilusão do progresso e do discurso intelectualizado. Ou seja, o emprego da linguagem rebuscada por Macunaíma, no capítulo, visa parodiar a escrita bacharelesca. Pode-se atestar que o autor emprega as palavras de outro para expressar suas

próprias ideias, no sentido de escancarar, por meio da paródia, a dualidade entre o primitivo e o civilizado, o brasileiro falado e o português escrito.

A carnavalização, outro conceito *bakhtiniano*, também pode ser observada na obra. A paródia é vinculada aos gêneros carnavalizados — uma vez que surge da criação de um mundo às avessas, destronante daquilo que é estabelecido (BAKHTIN, 2013). Ambas promovem a profanação pela combinação entre o sagrado e o herético, "o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc" (BAKHTIN, 2013, p. CXXXVIII). Na carnavalização está presente a dualidade entre o apolíneo e o dionisíaco, entre a espiritualidade e a carnalidade, entre o sério e o cômico, assim como na inversão paródica.

"Na base da ação ritual de coroação e destronamento do rei reside o próprio núcleo da cosmovisão carnavalesca: a ênfase das mudanças e transformações, da morte e da renovação. O carnaval é a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova" (BAKHTIN, 2013, p. CXXXVIII).

Resta clara a natureza carnavalesca da paródia, tendo em vista o elemento de coroação e de destronamento, de destruição e de reconstrução, bem como de subversão presente no discurso parodístico. O elemento carnavalizante está presente em *Macunaíma*, pois, de acordo com Gilda de Mello (2003), o anti-herói brasileiro é a carnavalização do herói do romance de cavalaria. Em Mário de Andrade, a carnavalização advém da negação do projeto cavaleiresco, da paródia, uma vez que "Macunaíma é dominado pelo medo e as suas fugas constantes estão em desproporção com a realidade dos perigos; ele é, por conseguinte, o avesso do Cavaleiro da Triste Figura, representando a carnavalização de uma carnavalização" (SOUZA, 2003, p. 77).

Na obra, observamos a consonância de referências de Mário de Andrade combinadas por meio do *bricoleur*, refratando o discurso do narrador no personagem por meio do heterodiscurso, de modo a formular uma paródia do intelectualismo alienante da burguesia. O traço parodístico do capítulo reside, justamente, na destruição e reconstrução do gênero com o objetivo de criar algo novo e ironizar o antigo, característica marcante do movimento modernista. A carnavalização, nesse contexto, encontra-se no cerne de *Macunaíma*, em seu movimento de transformação e destruição, evidenciando as antinomias da brasilidade a fim de criar um símbolo nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. Agir: Rio de Janeiro, 2008.

AMADO, Renato. Macunaíma, um malandro alegórico. Revista Odisseia, v. 3, n. 1, p. 170-189, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. Teoria do romance I, : a estilística. O heterodiscurso no romance. Bezerra, Paulo. Botcharov, Serguei; Kójinov, Vadim. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. 5. ed. revista. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2013.

BORGES, Gisele Rocio. O Projeto Estético-Ideológico de Mário de Andrade. Revista Trías, v. 4, p. 01-11, 2012.

CAMARGO, Maria Susana. Macunaíma – Ruptura e Tradição. São Paulo, Massao Ohno/João Farkas, 1977.

CHAMIE, Mario. Mário de Andrade: fato aberto e discurso carnavalesco. Revista Iberoamericana, v. 43, n. 98, p. 95-108, 1977.

DAUFENBACK, Vanessa. Mário de Andrade e a cultura popular brasileira. Mestrado. Universidade Estadual Paulista, 2008.

DE MEDEIROS MARIA, Patrícia Lopes. Projeto estético e projeto ideológico na poética de Mário de Andrade. Revista Garrafa, v. 4, n. 12, 2006.

DICK, André; JUNGES, Márcia. A subversão lingüística de Macunaíma. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Edição 268, 2008.

FONSECA, Maria Augusta. "Carta pras Icamiabas", in Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Porto A. Lopez. Paris/São Paulo: Archivos/Unesco/CNPq, 1988.

GAIO, Henrique Pinheiro Costa. Macunaíma entrincheirado: a crítica entre a forma e a identidade nacional. Revista Ágora, 2016.

JUNIOR, José de Paula Ramos. Mário de Andrade e a lição do modernismo. Revista USP, n. 94, p. 49-58, 2012.

LEITE, Carlos Augusto Bonifácio. "Macunaíma popular?" In: Revista Travessias, p. 116-130, 2012.

MODERNISMO (Primeira Geração). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12177/modernismo-primeira-geracao>. Acesso em: 16 de Out. 2020. Verbete da Enciclopédia.

PIZARRO, Jerónimo. La "Carta pras icamiabas": o la falta de carácter de un héroe imperial. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 46, p. 179-199, 2008.

SOUZA, G. M. O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

CRÔNICA
POR ROGÉRIO NEWTON

LUA NO CAMINHO

O riacho corria entre quintas úmidas. A Casa da Bica situava-se no topo de uma pequena elevação. Era de uma cor indefinível e estava sempre fechada. Eu tinha vontade de saber o que ocultava. Devia guardar instrumentos que se usam na roça e no curral e silos para estocagem de grãos. Ou, simplesmente, um reino de penumbra e poeira.

Aos meus olhos, era enorme. Muitas vezes, depois de um mergulho, sentava-me na calçada alta para olhar a paisagem e ficar vendo quem passava, indo ou vindo da cidade. O vento morno secava os cabelos.

Contaram-me que em um dos quartos um homem passava tempos recluso. Estudantes em pesquisa teriam encontrado argolas de ferro. Isso aumentava o mistério e o temor.

Famosos eram os frutos do pomar, apreciados por todos. Mangueiras ensombravam as margens do riacho, como a Mãe dos Viventes.

– Menino, vai na Bica buscar manga-rosa!

A Bica! Por que esse nome? Não sei exatamente, mas posso imaginar. Havia água abundante o ano inteiro. Na estação das chuvas, era difícil atravessar o riacho, no ponto do caminho comum a quem desejasse ir ou vir de outras quintas ou do bairro situado próximo aos morros do Urubu, da Cruz e da Sociedade.

A construção, que dominava a paisagem, deu lugar a uma casa sem graça, pintada de branco. Um morador e sua família davam-lhe vida. Ele tirava o leite das vacas e levava de moto para a cidade. Mas a paisagem continuava bonita: o curral, as roças verdes de capim, os irrigadores girando... Gotículas brilhavam à luz do sol. Isso também desapareceu: um loteamento engoliu o curral e as roças. Para abrir ruas, o trator despejou piçarra quase dentro do riacho.

Mas a servidão de passagem continua entre as cercas e pode-se caminhar por ela e passar em frente da casa em cujos fundos existiu a Forquilha do Rio, onde o Riacho dos Negros desaguava no Riacho Mocha. Era um dos lugares preferidos das lavadeiras. Não nos vamos deter aí: os riachos estão secos e só há lavadeiras na memória.

Devemos prosseguir pelo caminho entre as quintas, atravessar o Riacho dos Negros na direção da Malhada Alta e encontrar Vicente Camarço, o último sobrevivente a resistir no curral, ao lado da casa parcialmente em ruínas. Pode-se sentar no matinho rasteiro e contemplar a lagoa que secou e a roça de milho e de arroz.

O caminho de areia torna-se pedregoso nas proximidades do sítio Laranjeiras. A casa baixa está sempre fechada. No inverno, vicejam o bamburral, a jitirana e o mata-pasto na frente da morada. No estio, uma faixa verde de árvores contrasta com a vegetação cinza: embora sem mais água a correr, o Mocha mantém a umidade permanente do lugar, onde pés de buriti e mangueiras se agitam com o vento e os pássaros que bicam os frutos.

Depois das Laranjeiras, a vegetação é um pouco mais densa nos dois lados da servidão de passagem. As árvores altas formam um túnel verde. Nesse ponto, é preciso ir um pouco mais devagar: há flores de várias cores, libélulas, abelhas, pássaros, borboletas, aranhas tecendo... Você pode se sentar no chão ou numa pedra e contemplar o esplendor do sol filtrado pela folhagem. Se a posição dos astros está propícia, é possível também ver a lua no céu azul, em plena luz do dia.

Na Fazenda Primavera, ainda há lugares úmidos no leito do riacho. Mas não há corrente, a não ser quando chove forte, e assim mesmo por um dia ou dois. O açude Soizão represou as águas nas nascentes azuis. E não solta.

O apreciador de plantas e de outros seres vai parar muitas vezes e olhar, por exemplo, os pés de jatobá e os pentes-de-macaco. Se quiser, pode pegar uma vereda lateral e subir pequeno morro, só pelo prazer da aventura e para desbravar o Desconhecido. E depois voltar para a sombra do túnel verde e ficar em silêncio, ouvindo as vozes da natureza.

Depois de mais um jatobazeiro, que braços humanos não conseguem abarcar, chega-se à Fazenda Maracangalha. Esse o fim da jornada. Depois de descansar um pouco, é hora de voltar pela mesma via, apreciando as maravilhas, como a lua no céu da manhã.

PAULO DE TARSO MORAES

JORNALISTA, POETA E CONTISTA

Em 24 de março de 1960 nascia, em Teresina, uma referência para o jornalismo piauiense: Paulo de Tarso Moraes. Em apenas 26 anos de vida, dedicou-se à família, ao jornalismo, à literatura e aos movimentos sociais.

De olhar atento e curioso, desde garoto tinha a escrita como ofício. Era leitor assíduo, incentivador educacional e cultural. Formado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (Ufpi), trabalhou na imprensa piauiense a partir de 1977 e recebeu o registro de Jornalista quando a profissão passou a ser regulamentada pela Lei Nº 7.360, de 1985, que assegurava o direito ao registro profissional de quem comprovasse exercício de atividade, pelo menos, nos dois anos anteriores.

Atuando em quase todos os jornais de Teresina à época – O Dia, O Estado e Jornal da Manhã –, Paulo de Tarso cobriu editorias de Geral, Polícia e Cidades, embora fosse em política que ele estava se especializando.

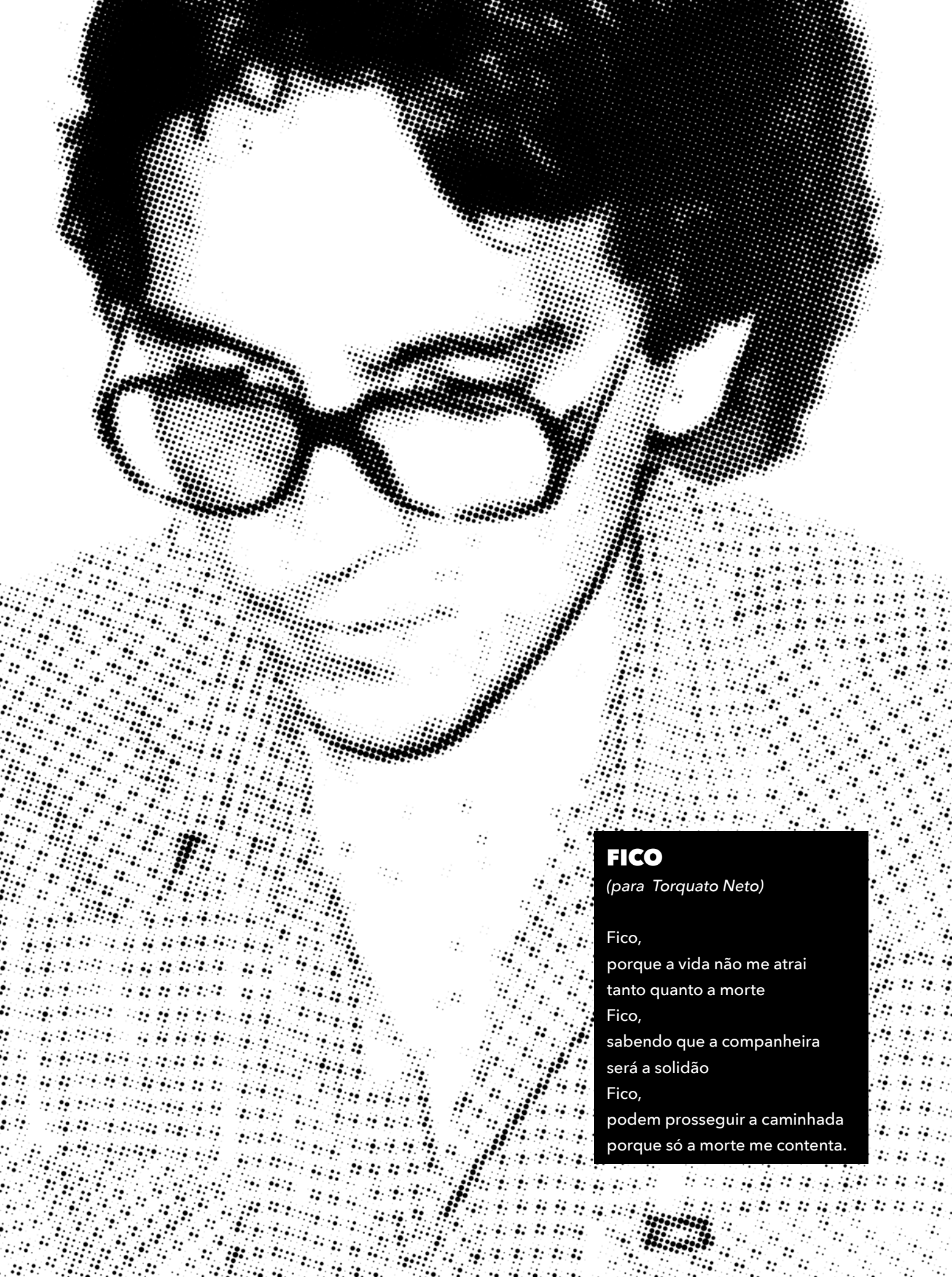
Articulado com os movimentos sociais, esteve à frente do Diretório Nacional dos Estudantes (DCE) da Ufpi, em 1982 e 1983, além de desenvolver trabalhos em comunidades de base e comunicação comunitária.

Também integrou a diretoria do Sindicato dos Jornalistas e participou ativamente do movimento Tomada dos Pelegos, do grupo liderado por membros do Partido dos Trabalhadores (PT) e Central Única de Trabalhadores (CUT), que lutavam para mudar as diretorias dos Sindicatos dos Bancários, Rodoviários e Motoristas. No meio político, era carinhosamente conhecido como "PT Moraes".

O jornalista também esteve engajado na busca por melhorias para a categoria, como a regulamentação do piso salarial para os profissionais da imprensa. Atuou como coordenador do Centro Piauiense de Ação Cultural – Cepac, com trabalho centrado nas periferias de Teresina, oferecendo cursos e palestras para a comunidade.

Por sua dedicação aos movimentos sociais e ao jornalismo, Paulo de Tarso recebeu várias homenagens póstumas, como o Concurso de Reportagem "Jornalista Paulo de Tarso Moraes", promovido pela prefeitura de Teresina. Hoje levam seu nome também a praça do bairro Mocambinho (conhecida ainda como praça da Telemar) e o conjunto habitacional do bairro Jacinta Andrade.

No campo literário, produziu poemas e contos. Porém seus escritos só foram publicados após sua morte - em acidente de moto no bairro Primavera, zona norte de Teresina, em 26 de julho de 1986, no mesmo dia em que se graduou na universidade. Ficou para a eternidade o livro *Borboleta*, organizado por seus amigos e lançado na Academia Piauiense de Letras (APL), em 1987.

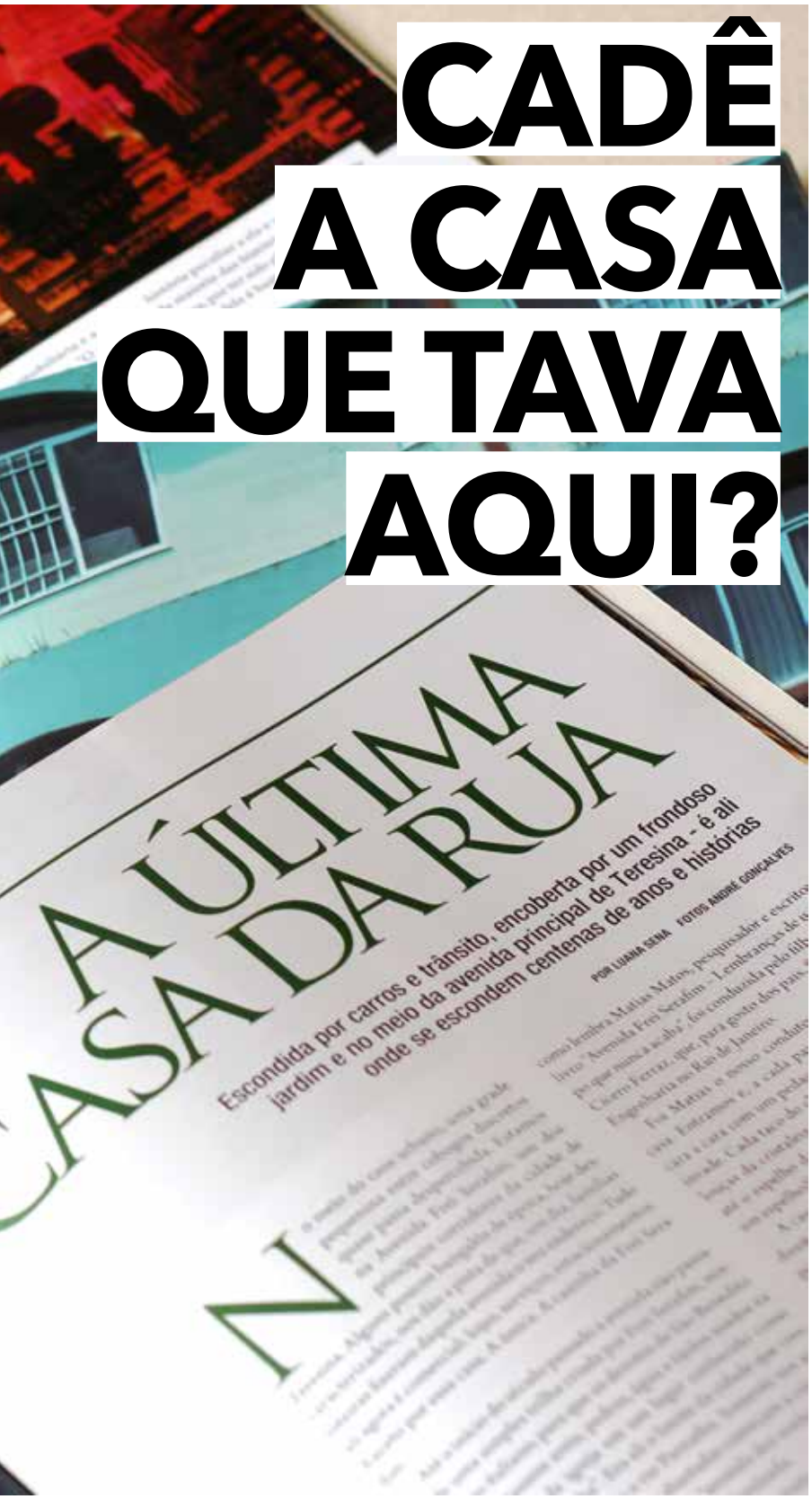


FICO

(para Torquato Neto)

Fico,
porque a vida não me atrai
tanto quanto a morte
Fico,
sabendo que a companheira
será a solidão
Fico,
podem prosseguir a caminhada
porque só a morte me contenta.

CIDADE
PARA
REPORTAGEM: ARQUITETURA
Onde estão as referências de Teresina?
No centro da cidade, mais de 200 casarões foram derrubados para dar lugar a estacionamento ou outros fins comerciais
POR LUANA SENA E THAÍS ALENCAR FOTOS MAURÍCIO POKEMON
Pare, olhe e pense. Esse conjunto de casas, prédios e ruas pelos quais você anda todos os dias não está aí por acaso. Tente imaginar, por exemplo, a Avenida Frei Serafim sem a Igreja São Benedito. Ou mesmo tente pensar Teresina sem essa



CADÊ A CASA QUE TAVA AQUI?

50 edições e muitas páginas depois, Revestrés volta ao patrimônio histórico em busca de mudanças, respostas e novas perguntas.

POR LUANA SENA
FOTOS ANDRÉ GONÇALVES

"Se a cidade fosse escrita, os prédios e os traços arquitetônicos seriam letras, as palavras – que, juntas, contam sua história. Em Teresina, essa caligrafia nunca esteve tão torta". Pegando emprestada a metáfora da cidade como escrita, da arquiteta e urbanista Raquel Rolnik, iniciava-se a reportagem de estreia da primeira edição de Revestrés. Era fevereiro de 2012 e chegávamos às bancas com uma questão: "Onde estão as referências de Teresina?". O título iniciava aquilo que, mais tarde, viraria nosso estilo curioso e provocativo de fazer perguntas.

A pauta surgiu de um sentimento comum de toda a equipe: naquele início de ano, especulava-se que mais de 200 casarões tinham sido destruídos no centro de Teresina para dar lugar a prédios comerciais ou estacionamento de veículos. Nossa reportagem ouviu arquitetos, urbanistas e historiadores, a fim de entender onde a preservação do patrimônio histórico de uma cidade se encontrava com a noção do jornalismo cultural que estávamos nos propondo a fazer.

A discussão passava pela cobrança do interesse público e da importância de conhecer para preservar – "O poder público entende que crescer é derrubar, é fazer o modernoso, destruindo o patrimônio

histórico", criticava a arquiteta Kaki Afonso, entrevistada. "Muitas pessoas não conhecem a história da cidade nem desenvolvem interesse por ela, portanto passam e não veem nada", dizia o historiador Alcides Nascimento, também ouvido na reportagem.

14 edições e muitas páginas depois, o tema patrimônio histórico volta às páginas de Revestrés, agora com uma "testemunha ocular" com quatro paredes – e 3.500 metros quadrados de extensão. A página 56 da Revestrés #15 entrava na intimidade de cobogós discretos no meio do cenário urbano da principal avenida da capital piauiense. Tudo ao redor era– e permanece – comercial: lojas, serviços, clínicas e estacionamentos. Exceto por essa casa. A última casa da Frei Serafim.

Construída em 1930, a casa marcava o processo de urbanização da avenida – que até o início do último século não passava de uma simples trilha de terra criada pelo missionário italiano Frei Serafim para que os devotos de São Benedito carregassem areia, pedra, água e tijolos, usados na construção da igreja em um dos pontos mais altos da cidade. Fato curioso é que a casa – pertencente ao casal Elvina Ferraz e Augusto de Sousa –, que foi a última a ser construída na rua, é também a que permaneceu por mais tempo em seu entorno. A última casa da Frei é resistência.

Parecia que ocupar espaços e preservar histórias estava mesmo no gene da Revestrés. Em 2015 a pauta do patrimônio volta, desta vez não em nossas páginas, mas em nosso canal no Youtube: em sua primeira aventura audiovisual, a equipe Reves passa um dia na ocupação de estudantes em uma casa ameaçada de demolição, na rua Félix Pacheco, centro da cidade. No eixo conhecido como "polo saúde", pela ampla concentração de clínicas e laboratórios médicos, um exemplar de arquitetura eclética conservava um pouco da história da cidade. O que era pra ser uma vigília de meia dúzia de estudantes tornou-se um movimento transformador de jovens discutindo o direito e o pertencimento à cidade. O grupo ocupou o imóvel por 13 dias e evitou que um pedaço do passado virasse, novamente, pó.

Seis anos e quase mil páginas depois, voltamos a essas histórias em busca de observar mudanças, permanências, respostas, com novas perguntas e mais reflexões. Uma revista é capaz de mudar o curso da história ou de refletir e impactar nas ações das pessoas que vivem uma cidade? A pergunta é retórica, mas algumas opiniões novas podem trazer frescor ao tema que, apesar do passar dos anos, nunca envelhece. Discutir patrimônio é, também, lembrar um pouco de onde viemos e para onde vamos. E, assim como a última casa da Frei, é o nosso jeito de resistir.

A CASA QUE FOI A ÚLTIMA A SER CONSTRUÍDA NA RUA É TAMBÉM A QUE PERMANECEU POR MAIS TEMPO EM SEU ENTORNO. A ÚLTIMA CASA DA FREI É RESISTÊNCIA.

UMA REVISTA É CAPAZ DE MUDAR O CURSO DA HISTÓRIA OU DE REFLETIR E IMPACTAR NAS AÇÕES DAS PESSOAS QUE VIVEM UMA CIDADE?

EDUCAR PARA PRESERVAR

Comumente, a discussão sobre preservação de patrimônio histórico na cidade é reduzida a pedrinhas de paralelepípedos nas ruas ou intervenção em fachadas de casarões. Ambos os casos acabam anulando a identificação de problemas que podem estar no desconhecimento da população e na falta de vigilância e fiscalização por parte do poder público.

"A gente aprende o que é patrimônio, a gente é ensinado", diz Claudiana Cruz, mestra em Desenvolvimento Urbano e uma das coordenadoras da pós-graduação Patrimônio e Cidade, um curso de especialização *lato sensu* que forma agora, em 2021, sua segunda turma. "Eu acho que o teresinense aprendeu que patrimônio é aquilo que é muito antigo ou o que pertence a outro lugar", aponta a especialista. "O futuro, o progresso, é que é o bom. Mas, por outro lado, a perda e o vazio, incomodam".

Claudiana sempre teve atuação profissional voltada para o patrimônio cultural – ao lado de Elane Coutinho e instigadas pelo incômodo da superficialidade das discussões sobre o assunto na cidade, elas elaboraram a grade de um curso que permitisse compreender a complexidade do que é tratar de patrimônio e cidade. "Não é ensinar sobre como restaurar, como intervir, mas ser um laboratório de discussão em que cada aluno possa aplicar análise crítica, produzir ciência e atuar como cidadão melhor na cidade", explica em vídeo-chamada.

O processo intenso de descaracterização e derrubada de prédios históricos na cidade, somado à dificuldade de interlocução, chamaram atenção do corpo docente, que provoca estudantes – de variadas áreas e interessados no debate – a verem potencialidades onde muita gente só enxerga destruição. A

própria existência do curso, que é recente, aponta para um caminho de mudança no interesse da cidade por essa discussão.

Claudiana observa que, apesar do processo devastador de perdas e descaracterização intensas – principalmente nos casarões da Frei Serafim, denunciados na primeira reportagem Revestrés –, houve mudança positiva no que diz respeito à mobilização social. "Acho que hoje a gente tem uma atenção maior", analisa. "Eu cito o Viva Madalena, a mobilização da Boa Esperança e a participação dos ciclistas na defesa da Av. Frei Serafim, além dos protestos em defesa do Meduna, como alguns bons exemplos".

Em fevereiro deste ano, um movimento iniciado nas redes sociais mobilizou diversos grupos da sociedade para impedir a demolição do Sanatório Meduna – fundado em 1954 por um médico pioneiro na psiquiatria piauiense. O prédio era de responsabilidade da prefeitura e foi cedido à construtora responsável pelo shopping Rio Poty, na condição de que o antigo sanatório virasse um centro cultural e um espaço de preservação de história e memória, fato que nunca aconteceu.

No início de novembro, o governo do estado tombou o imóvel. A proposta foi feita pela Coordenação de Registro e Conservação da secretaria estadual de Cultura – Secult – e aprovada por unanimidade pelo Conselho. O decreto foi publicado no Diário Oficial e vale também para o entorno do prédio - uma área de proteção de 8.598,51m².

A participação da sociedade civil e o envolvimento de órgãos como o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) e do Conselho Municipal de Política Cultural de Teresina foram fundamentais para o diálogo com os responsáveis pelas intervenções no local, como cita Claudiana. "É um processo", explica. "O teresinense não considera a arquitetura eclética como patrimônio, ninguém chama 'o centro histórico de Teresina', por exemplo", comenta a arquiteta e urbanista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - o Iphan, no Piauí. "Acham que o passado ainda é recente e em construção e, por isso, não precisa ser preservado. É sempre a perspectiva do futuro, do porvir".

Outros pontos de atrito para a preservação desse patrimônio são a legislação e a inércia de órgãos fiscalizadores. Em seis anos, este aspecto sofreu

> EU ACHO QUE O TERESINENSE APRENDEU QUE PATRIMÔNIO É AQUILO QUE É MUITO ANTIGO OU O QUE PERTENCE A OUTRO LUGAR. O FUTURO, O PROGRESSO, É QUE É O BOM. MAS, POR OUTRO LADO, A PERDA E O VAZIO, INCOMODAM.
> CLAUDIANA CRUZ, ARQUITETA E URBANISTA

pouca ou quase nenhuma mudança. "Nossa legislação induz a isso. Ela é muito permissiva e a noção é muito perversa porque grande parte dos imóveis do centro da cidade é privado", observa. "É muito comum a confusão entre patrimônio público e cultural".

O Plano Diretor de Teresina, aprovado em 2019, trouxe apenas modificações na denominação de zonas e alterações confusas no texto. A Lei Municipal Nº 3.563 de outubro de 2006 – que protege apenas as fachadas dos prédios históricos – também segue sem grandes atualizações. Se por um lado a discussão avançou e fez surgir mobilizações sociais importantes, no campo institucional houve retrocesso. "Não houve avanço, não houve concurso, acho que a única mudança foi a criação do Conselho de Cultura da cidade, mas a própria instituição parece não entender o papel do Conselho", aponta. "Não houve nenhum fortalecimento".

De lá para cá, algumas audiências tiveram participação popular em discussões, por exemplo, sobre a construção do corredor de ônibus na Frei Serafim – obra de muito impacto nas características da avenida. "Foi participativo, mas as considerações da sociedade não foram levadas em conta", critica a arquiteta. Houve também uma tentativa da Prefeitura Municipal de realizar um inventário do patrimônio histórico de Teresina – plano frustrado que não saiu do papel.

MADALENA VIVE

Era o último dia de junho de 2015 quando um estudante de arquitetura viu na *timeline* um post-denúncia: mais uma casa no centro da cidade começava a ser destruída, na calada da noite. Ele anotou o endereço e chamou alguns amigos para irem até lá na manhã seguinte. "A intenção era só investigar o que estava rolando, quem eram os responsáveis", relembra. "Não encontramos ninguém e resolvemos ficar lá algum tempinho, aguardando". Esse tempo virou 13 dias de ocupação.

A mobilização começou nas redes sociais e foi parar naquele número na rua Félix Pacheco. Estudantes de arquitetura, urbanismo, jornalismo e outras áreas se juntaram em defesa da casa de dona Madalena Maria Poty Dummond – em referência à antiga dona, o movimento recebeu o nome de Viva Madalena e foi marcante para quem, mesmo de longe, acompanhou.

"Havia a revolta de ver que a gente estava perdendo parte da história da cidade, e esse era um sentimento compartilhado por todo mundo", diz Luan Rusvell, um dos primeiros a chegar na ocupação. Na época, ele lembra como a população estava em alerta sobre as frequentes demolições que aconteciam no centro histórico de Teresina. "A gente tinha uma certa ingenuidade de não compreender o que estava acontecendo, porque os órgãos patrimoniais não faziam nada", relata. "É um esquema que existe na cidade de destruição do patrimônio histórico, com muitos interesses e muito dinheiro envolvido".

Os estudantes revezaram-se em vigília pela casa e pediram explicações aos órgãos competentes sobre a autorização para

> SABEMOS QUEM SÃO AS PESSOAS QUE PATROCINAM ESSAS AÇÕES E MUITO POUCO MUDOU. A PREFEITURA ACEITOU O PAPEL DE CÚMPLICE DA DESTRUIÇÃO DA NOSSA MEMÓRIA.
>
> LUAN RUSVELL, ARQUITETO QUE PARTICIPOU DA OCUPAÇÃO VIVA MADALENA

derrubada e descaracterização do imóvel. "Era uma ação que visava à apropriação da cidade, fazer valer o direito à cidade", explica Luan. "Fizemos algumas oficinas durante a ocupação, visitas no centro, foi um momento de imersão total na discussão sobre o patrimônio histórico".

A casa de dona Madalena perdeu algumas de suas características arquitetônicas: tiraram as esquadrias e o telhado, numa tentativa de desestabilizar a estrutura de sustentação. Mas ela permaneceu de pé – embora depois seu quintal desse lugar a um estacionamento – e a ação dos ativistas chamou atenção da sociedade e cobrou respostas e mobilizações das instituições – audiências públicas aconteceram envolvendo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Piauí (CAU), o Conselho Regional de Engenharia (Crea), Iphan e outros órgãos. "Isso contribuiu para a formação de consciência crítica, acho que houve uma ampliação do olhar sobre patrimônio que foi essencial", acredita Luan.

Emerson Mourão também participou da ocupação – ele lembra que na época uma mulher que se identificou como sobrinha da proprietária chegou a visitá-los e oferecer aos estudantes 10% da receita sobre a venda do imóvel. "Eles estavam muito interessados em acelerar a negociação", conta hoje, acreditando que o espaço – uma das últimas casas a preservar um quintal no centro da cidade – seria transformada em um estacionamento de veículos. "E nós queríamos propor mudanças na legislação para que a fiscalização fosse mais rigorosa", explica. "Esse foi o ponto que marcou a nossa saída da casa".

Em agosto deste ano, nova denúncia na rede social do produtor cultural Gilson Caland chamou atenção para um exemplar semelhante à casa de dona Madalena, a poucas quadras, na mesma rua Félix Pacheco. Do dia para a noite, o imóvel – onde havia funcionado uma pousada e um restaurante popular – foi destruído sem deixar nenhum rastro de memória. "Seis anos depois e a gente continua perdendo muito", observa Luan.

Apesar das transformações pessoais que a mobilização trouxe aos jovens – Luan tornou-se arquiteto e atua hoje como assessor técnico popular para movimentos sociais – pouca coisa avançou no que diz respeito a políticas patrimoniais. "Sabemos quem são as pessoas que patrocinam essas ações e muito pouco mudou", analisa. "A prefeitura aceitou o papel de cúmplice da destruição da nossa memória".

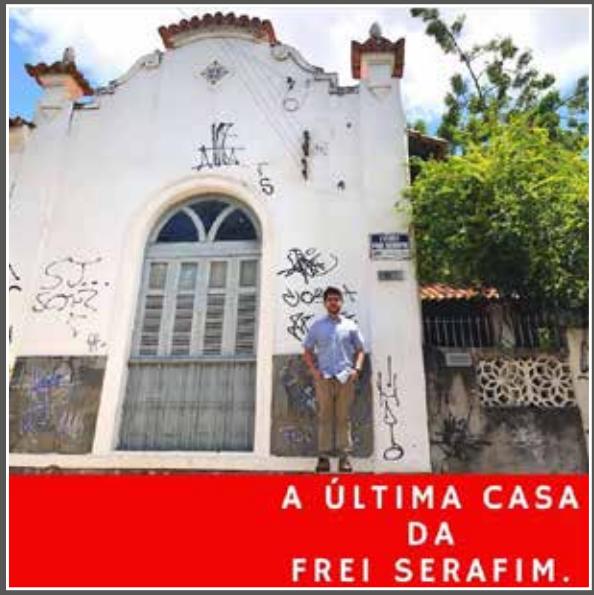
Como ponto positivo, ele observa que os movimentos que vieram depois – por exemplo, a mobilização popular em torno da construção do programa Lagoas do Norte, na zona considerada berço de Teresina, do qual ele também faz parte – pegaram carona na ideia de que pessoas organizadas e conscientes podem conseguir a efetivação do direito à cidade. "Porque o direito à cidade é isso: as pessoas fazerem parte das decisões, reivindicarem o seu pertencimento a um território". Para ele, a casa de Madalena seguir de pé hoje é mais do que um prédio a menos derrubado na cidade. "É o exemplo de como as pessoas conseguiram instituir o seu poder. Uma consciência formada naquele movimento e que carrego em mim agora para o resto da vida". Я

PARA ASSISTIR AO VÍDEO SOBRE O MOVIMENTO VIVA MADALENA ACESSE O LINK AO LADO

A ÚLTIMA CASA RESISTE

Em junho de 2014, a Revestrés conseguiu atravessar um portal que separa passado e presente: escondida por carros e trânsito, encoberta por um frondoso jardim e no meio da avenida principal de Teresina, se escondem quase uma centena de anos e muitas histórias. Construída nos anos 1930, a última casa residencial levantada na Frei Serafim foi também a que resistiu mais tempo naquele CEP. Somente hoje, quase cem anos depois, o imóvel foi disponibilizado para venda.

Originalmente a casa construída pelo casal Elvina Ferraz Martins e Augusto de Sousa Martins era simples, mas ocupava um terreno enorme: 40x80 metros equivalia à metade de uma quadra da época. Na década em que foi construída, a região era deserta - não havia o Hospital Getúlio Vargas e era praticamente o fim das construções e das vilas. Era a última casa da rua.



Anos mais tarde, a residência do casal passou por uma reforma e recebeu telhas, madeira serrada, tijolos e piso de ladrilho. A reforma foi conduzida pelo próprio filho do casal, Cícero Ferraz, que formou-se em engenharia no Rio de Janeiro. Chama atenção o frondoso pomar que até hoje cerca a casa, com árvores plantadas pela antiga dona: laranja da terra, manga, acerola, pitanga, jambo, jabuticaba, goiaba, sapoti, sapota e bacupari - de tudo um pouco se encontra ali. Dona Elvina gostava de colher frutas e flores do próprio jardim para fazer doces e licor.

Na época em que abordamos o assunto, Revestrés conversou por telefone com um dos herdeiros do imóvel, o engenheiro civil Augusto. Àquela altura ele negava qualquer especulação sobre venda e reforçava o valor afetivo que a casa tinha para ele, como lugar de lembrança da avó, por quem praticamente foi criado. Augusto, que mora no Rio de Janeiro, fazia questão de hospedar-se na casa quando vinha a Teresina.

Em abril deste ano, fomos surpreendidos pelo anúncio de venda do imóvel - avaliado em R$13.700.000,00, a casa está sendo anunciada por corretores – um deles, Murilo Lago, usou o Instagram para divulgar o imóvel, citando um post do conteúdo produzido pela Revestrés. "A última casa da rua agora está à venda", disse na legenda. "Boa sorte ao novo e feliz proprietário".

Conversamos com Murilo por telefone - ele diz que a casa está à venda há cerca de quatro anos e passou por várias negociações que não evoluíram. "São 3.500 metros na principal avenida da cidade, com três opções de frentes – na rua do jornal O Dia, na Frei Serafim e nos fundos", diz, como quem oferece um produto. Ele atribui a dificuldade da venda ao fato de muitos serviços no centro da cidade terem migrado hoje para a zona Leste, deixando a região abandonada. "O comprador da casa certamente vai ser alguém do segmento de clínica ou hospital", comenta.

Murilo é corretor há uma década e chegou à história contada por Revestrés porque é fã da revista. "Acompanho desde o início, sigo no Instagram e a matéria me chamou atenção porque sempre gostei daquela casa", comenta. "Ficaria muito feliz se fosse eu o corretor que fizesse essa venda, não só pelo fator financeiro", argumenta. "Mas por saber que, de alguma forma, eu fiz parte dessa história".

GOVERNO DO PIAUÍ CERTIFICA E APOIA FINANCEIRAMENTE PATRIMÔNIO VIVO DO ESTADO

O Governo do Piauí reconheceu, certificou e passará a apoiar financeiramente os mestres e grupos folclóricos piauienses. Os grupos passarão a contar com um auxílio financeiro vitalício e mensal do Estado como compromisso de manter viva as tradições da cultura piauiense.

O governador do Piauí, Wellington Dias, ressalta que esta iniciativa é um marco para a história e cultura piauiense. "O Piauí é muito rico nesta área cultural. É na música, nas letras, na poesia, na cultura. É rico com a capacidade criativa, com um elo da nossa cultura com o boi, é assim com os nossos povos da origem, da terra dos sanfoneiros, da dança, em todas as áreas. E aqui esse elo das nossas origens com os indígenas, com os afrodescendentes, com os europeus e com certeza de que nesse momento que trazemos para o reconhecimento como patrimônio 30 mestres e mais grupos culturais e com compromisso em lei para a cada ano, escolher três novos mestres de todos os territórios do Piauí vai fazer uma diferença muito grande para que a gente possa, com isso, garantir não só a valorização, mas principalmente a multiplicação, o orgulho, o elo, a ligação da atual geração com outras geração", declarou.

Em fevereiro de 2021, o Governo do Estado regulamentou, por meio de decreto, a Lei do Patrimônio Vivo do Estado do Piauí (nº 5.816/2008), para que mestres e grupos que atuam em ofícios tradicionais piauienses reconhecidos no Brasil e no mundo – tais como arte santeira, renda de bilro – ou manifestações culturais ligadas à dança, música e literatura de cordel possam receber aporte financeiro para transmitir seus conhecimentos e experiências e, assim, perpetuar estes ofícios, ajudando a manter viva essa importante tradição para nossa cultura.

30 INICIATIVAS CONTEMPLADAS

Os mestres e grupos beneficiados com o auxílio financeiro se inscreveram, por meio de edital lançado pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult), e foram selecionados por uma comissão composta por cinco membros de notório saber cultural. São 30 iniciativas contempladas inicialmente e, a partir de 2022, a cada ano, serão selecionados três projetos até completar as 60 iniciativas que a lei permite beneficiar.

"A Lei de 2008, que é da ex-deputada Flora Isabel, foi regulamentada, abrimos um edital público para que o Estado conheça quem são os mestres e grupos folclóricos. Eles se inscreveram, foram 90 inscrições, o Conselho Estadual de Cultura analisou toda a documentação e, a partir de hoje, vamos começar a reconhecer esses mestres da cultura popular. Eles passam a receber uma ajuda mensal para pessoas físicas no valor de R$ 600 e para grupos no valor de R$1500. E na contrapartida, eles têm o compromisso de manter viva essa tradição, de difundir quando for chamado pelo estado para dar palestra, visitar escolas, etc. Esse auxílio é vitalício, observe que há pessoas com 70 e até 100 anos de idade e não queremos que esse saber cultural se perca", completou Fábio Novo.

O Grupo de Capoeira Escravos Brancos, de Teresina, foi um dos contemplados com o auxílio. O mestre Albino recebeu o certificado em nome do grupo. Ele afirmou que o incentivo veio em boa hora e ajudará no trabalho executado nas aulas de capoeira.

"No nosso trabalho, usamos a capoeira como instrumento de formação física, moral e intelectual, dando esclarecimento aos alunos sobre a nossa história. A capoeira está sendo usada para tirar as crianças da ociosidade e evitar que cheguem a um estágio de marginalidade e o auxílio será um complemento para continuarmos nosso trabalho, um incentivo, porque fazemos um trabalho social gratuito e vamos continuar. Esse incentivo veio em boa hora, haja vista que já tenho 71 anos", disse o mestre.●

Ouça as notícias do Governo do Piauí

SOUNDCLOUD

Spotify

PELE MEMÓRIA

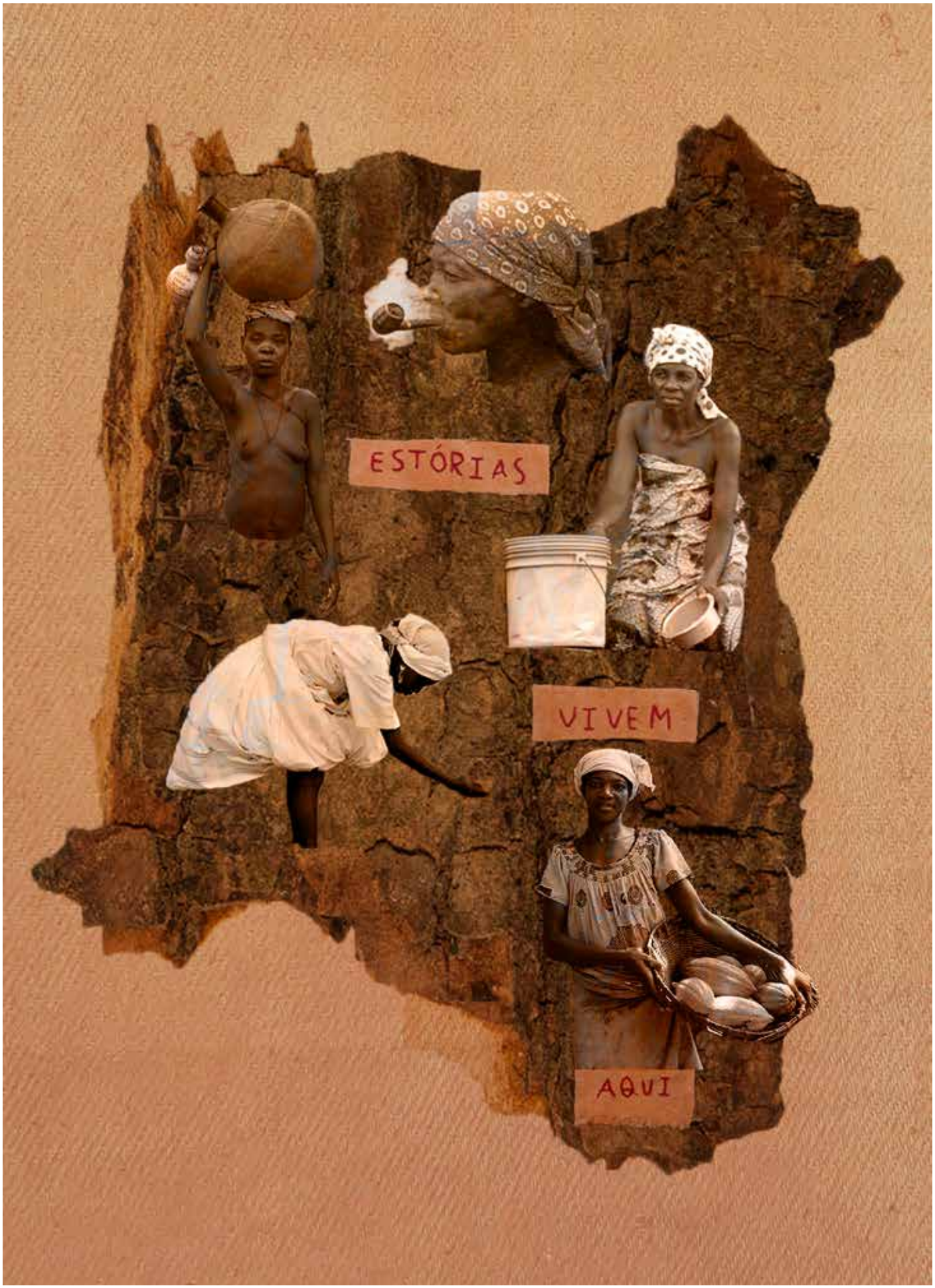
Os trabalhos aqui são iniciados através das bençãos dos mais velhos e dos encantados. A Ôrí recebe a força (Asé) que são conduzidos pelos caminhos de feiras, mercados, terreiros e casas de vó. Andanças que aqui são inspiradas por palavras, gestos e ensinamentos.

Do tecido que ganha nova cor pela tintura da casca ao bitmap que é plano de fundo das colagens digitais, alternando assim entre o têxtil e o digital.

Penso que as cascas de árvores - materialidade que utilizo como pigmento, suporte e poética de minhas criações - são como uma pele que guarda as memórias das mesmas, sendo esse um ancestral sagrado.

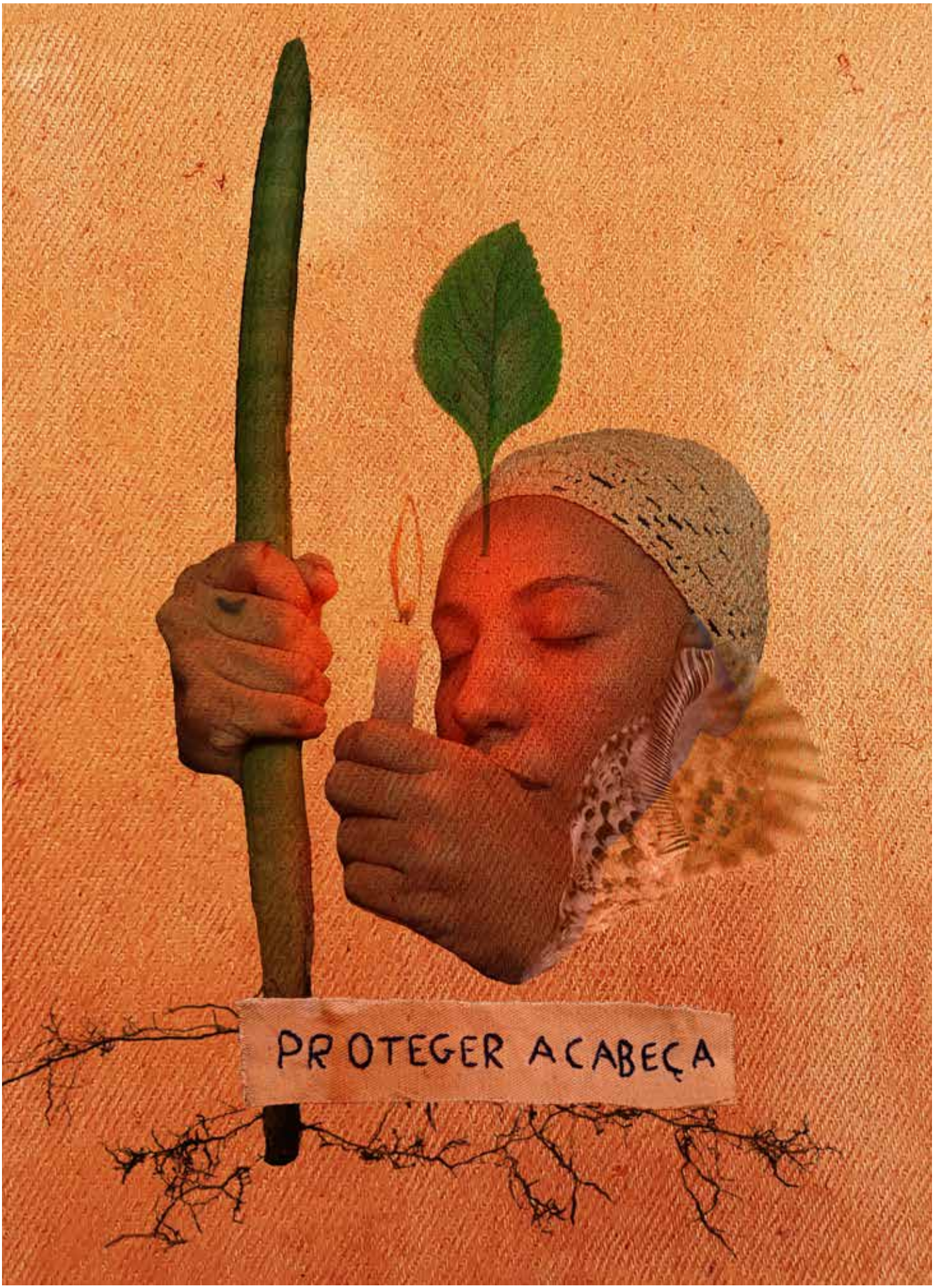
Assim, tenho baseado os meus processos de criação no que chamo de 'palavra dos antigos', tendo como fio condutor a oralidade. Ouvidos atentos para aqueles que guardam a sabedoria do tempo e da terra.

BANHO
DAS
MINHAS
AFASTAR O BANZO

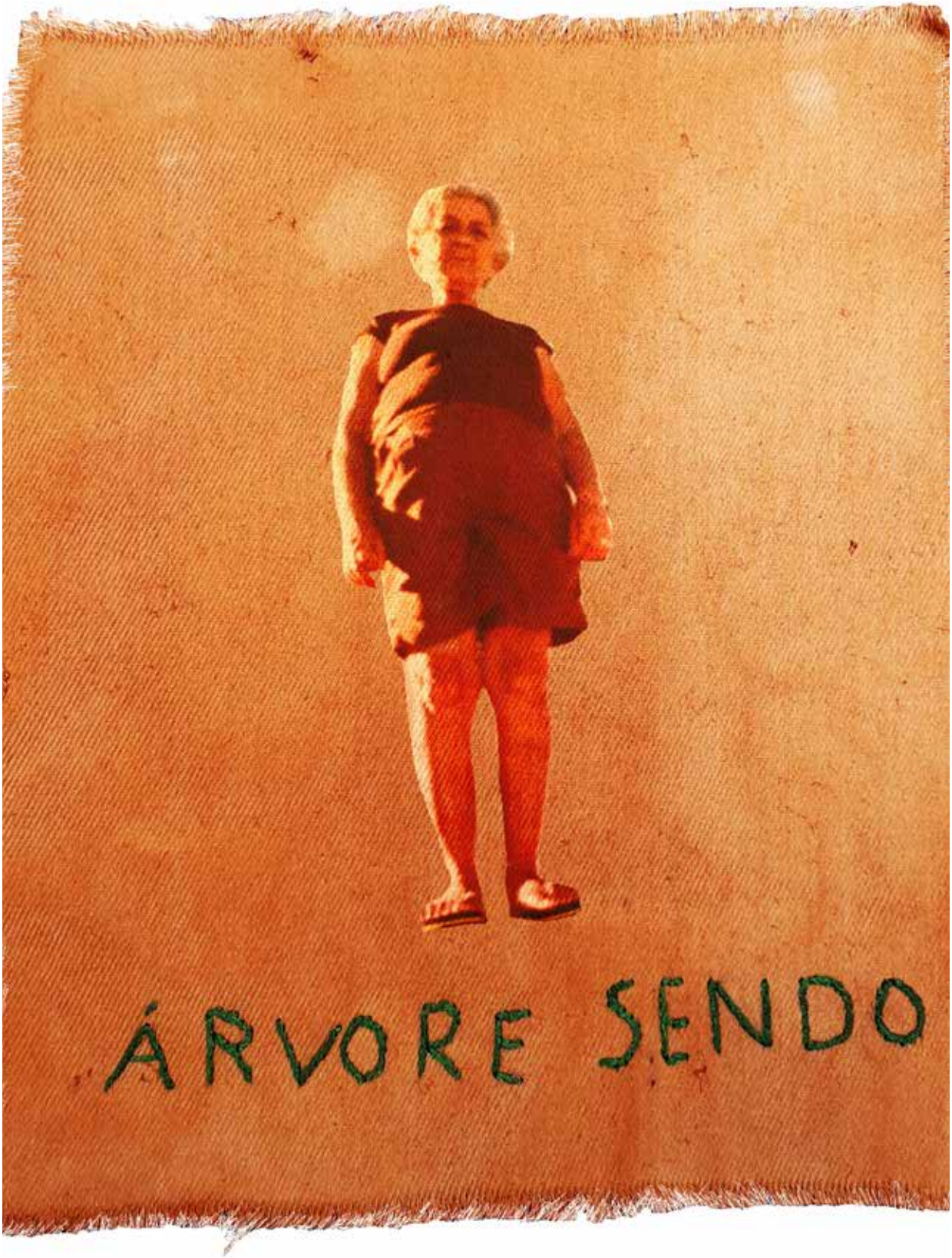

ESTÓRIAS
VIVEM
AQUI

INRAI
ZADA
2021

ÔRÍ
INÚ


PROTEGER A CABEÇA

OLARIA
BEIRA
MAR


ÁRVORE SENDO

LEITURA, DEVER DE CASA

Obrigatoriedade de ensino da literatura piauiense é objeto de lei, cercada de incertezas e sugestões de caminhos.

POR OHANA LUIZE

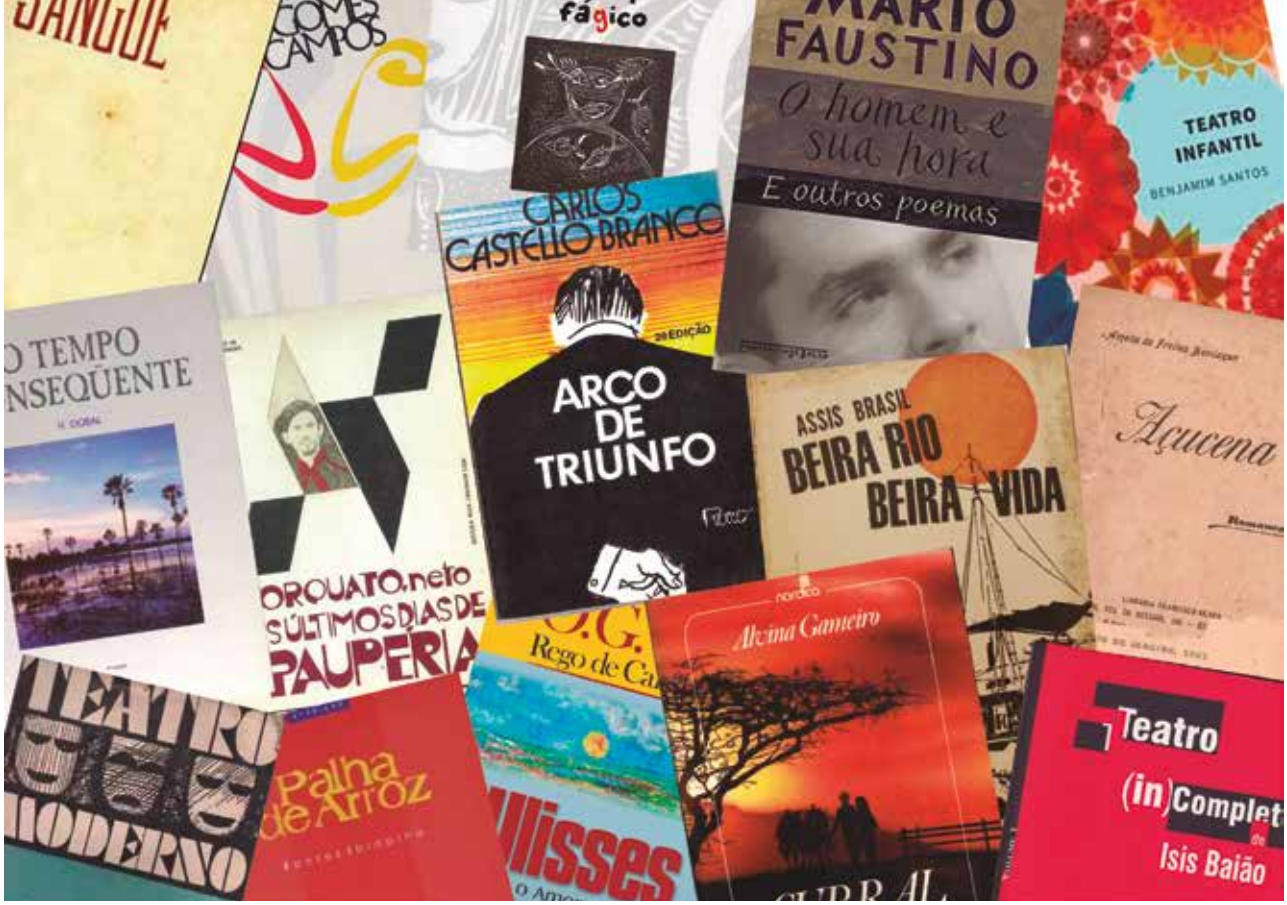
Há pouco mais de dez anos, quando foi alterada a principal modalidade de acesso ao ensino superior em instituições de ensino públicas e privadas e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tornou-se critério de seleção, a relação de educadores e estudantes com os aspectos regionais também foi modificada. Disciplinas e conteúdos específicos deram lugar a elementos considerados universais dentro do território nacional. As alterações foram acompanhadas de críticas, partindo da compreensão de que a identidade nacional brasileira tem na sua diversidade uma das grandes riquezas. E, ainda, foi apontado que o modelo do exame estaria gerando distanciamento das gerações mais jovens com a história e expressões culturais locais, dentre elas a produção literária.

Na tentativa de defender a presença da regionalidade em contextos educacionais, especialmente por meio da literatura, no Piauí há um histórico de movimentações em torno da legislação para garantir a presença de autores consagrados e de novas produções no ensino. Para isso, o caminho foi instituir a obrigatoriedade da presença de literatura piauiense em sala de aula. Em 2005, um ano após o Enem figurar como acesso à Universidade, a Lei Estadual piauiense nº 5464 defendia "o ensino de literatura brasileira de expressão piauiense, no ensino Fundamental e Médio, nas escolas das redes pública e privada, no Estado do Piauí". No entanto, há testemunhos de uma batalha ainda anterior.

"À frente da União Brasileira de Escritores do Piauí (UBE), em 1988, tive o entendimento de que a literatura piauiense só seria valorizada se a Constituição Estadual de 1989 instituísse a obrigatoriedade do ensino de literatura piauiense. Nós tivemos o apoio do relator, à época o deputado Humberto Reis da Silveira, e ao fim conseguimos garantir a aprovação. Infelizmente, a medida virou letra morta e, com o fim dos vestibulares, piorou. Antes havia uma visibilidade, cursos que trabalhavam os autores, ainda que de forma embrionária, e ensinavam o que cairia nas provas", conta o escritor e magistrado Elmar Carvalho, membro da Associação dos Magistrados Piauienses (Amapi).

Em 2014 a Assembleia Legislativa do Piauí (Alepi), por iniciativa do deputado Merlong Solano (PT), retomou a discussão da obrigatoriedade. Foi então aprovado Projeto de Lei para que escolas públicas e privadas, em todo o estado, adotassem livros paradidáticos de autores piauienses, compondo um mínimo de 1/3 do total de livros. Os debates entre deputados levaram ao entendimento de que havia respaldo constitucional no tema e que a produção literária piauiense representaria um reforço para o conhecimento de obras existentes e conhecidas do grande público, bem como promoveria novos leitores e autores.

Presente, em geral, nos anos finais do ensino fundamental e ao longo do ensino médio, a literatura passou a ocupar o guarda-chuva dos estudos de linguagem, tendo como foco as habilidades necessárias para uma das mais temidas provas do Enem, a de redação. A professora Conceição Nery, que leciona a disciplina em três escolas particulares de Teresina, comenta que a literatura de autor



nascido ou radicado no Piauí permaneceu presente, mas por iniciativa própria de professores, e que esses autores tinham mais espaço quando a adoção das obras era distribuída em cada série.

Mas ela acredita que estamos em um momento de retorno mais forte da literatura, especialmente diante das discussões, em todo o país, da instituição dos novos currículos escolares e normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). "Temos espaço para o retorno do ensino da literatura de maneira mais sistematizada, o que vai ser muito enriquecedor para o trabalho pedagógico, a valorização da cultura e o repertório leitor do aluno. Temos riquezas e o currículo do ensino médio dá abertura para fazermos relações entre a literatura piauiense e outras disciplinas. Isso, para o aluno, é bastante proveitoso".

As propostas em torno da BNCC vêm recebendo críticas que apontam visão fragmentada do conhecimento e desenvolvimento humanos, invisibilização de questões de gênero e orientação sexual e ênfase no ensino religioso. Ele não delimita a literatura como componente curricular específico, mas dá destaque à importância da disciplina e a enxerga como interdisciplinar, devendo ser manifestada não apenas nas aulas de português, mas também junto a outras disciplinas, como Arte e Geografia.

Elenice Nery, que coordena junto à secretaria estadual de Educação do Piauí (Seduc) a etapa de implementação do novo ensino médio no Piauí, dentro do programa ProBNCC, entende que, até então, a literatura piauiense esteve em segundo plano mesmo com o amparo das leis estaduais. "Em 2020, o Conselho Estadual de Educação (CEE) lançou a resolução 124, tornando a literatura de autor piauiense pauta obrigatória dentro da área de linguagens e em obediência à lei de 2005. Dessa forma houve o entendimento de adotarmos um retorno dos aspectos da cultura, história, geografia, da nossa identidade".

> "MUITAS VEZES O ALUNO DEMONSTRA SURPRESA COM A RIQUEZA E PROFUNDIDADE DAS OBRAS DE PIAUIENSES.
> CONCEIÇÃO NERY

Os novos parâmetros foram homologados em julho de 2021. Elenice explica que os redatores criaram um quadro envolvendo habilidades, componentes, objetivos de aprendizagem e de conhecimento que inclui a literatura piauiense na articulação entre as linguagens. Ela explica

> ALÉM DA ADOÇÃO DE OBRAS, AS ESCOLAS PODEM TAMBÉM CHAMAR OS AUTORES, PROMOVER RODAS DE CONVERSA, OUVIR OS ESCRITORES.
>
> ENEAS BARROS

que a documentação estabelece critérios gerais e que, em 2022, haverá processos específicos envolvendo dinâmicas de escolhas e adoção de livros que necessitam ser dialogados com as escolas.

Em termos de orientação para profissionais da educação, há ainda a perspectiva de formação e lançamentos de guias para facilitar a prática em sala de aula, em acordo com o que prevê a legislação e as normas atuais. "Para além de um atendimento à lei, é importante trazer à tona nossos aspectos, para não deixar nossa regionalidade ficar nas prateleiras do esquecimento", afirma Elenice.

As discussões podem ser acompanhadas por meio de um site que divulga cada etapa da implementação do novo currículo (https://seduc.pi.gov.br/curriculopiaui/). O texto dos cadernos afirma, como compromisso: "ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira, da literatura piauiense e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais".

FORMAÇÃO DE PÚBLICO LEITOR

Além da presença obrigatória nas escolas, quem defende a literatura piauiense acredita no papel de livrarias e editoras locais na divulgação de autores com diversos trabalhos lançados e no incentivo às demais publicações. O espaço dado às obras de autores do estado em livrarias de Teresina, por exemplo, varia da realização de eventos presenciais e virtuais, com destaque dado aos títulos nos sites, à existência de selos editoriais que valorizam a autoria piauiense.

Segundo o escritor Eneas Barros, há alguns anos os autores eram responsáveis por todo o processo de editoração e divulgação dos livros, da parte gráfica e das vendas, além do aspecto criativo. Em processo de lançamento de seu 22º livro, através da editora e livraria Nova Aliança, Eneas acredita que ter editoras fazendo o trabalho voltado para a literatura piauiense ajuda também no cumprimento da legislação que trata do tema. "Eu tenho livros em escolas de Teresina, Picos, Floriano, Parnaíba, e essa mudança no mercado ajuda para que, ao lançarmos mais livros, eles sejam mais adotados. O Conselho Estadual de Educação, ao regulamentar e tornar obrigatório o ensino da literatura de expressão piauiense, dá um estímulo".

O escritor percebe que há público leitor interessado nos autores do estado. Ele cita as movimentações que ocorrem em eventos literários, a exemplo do Salão do Livro do Piauí (SALIPI) – suspenso desde o início da pandemia de Covid-19 –, onde estandes de livrarias locais e lançamentos de livros são muito frequentados. "A literatura piauiense é diversificada e temos excelentes obras infantis, poesias e romances. Esperamos que cada vez mais os professores trabalhem a literatura piauiense. Para isso, é preciso estimular as diretorias de colégios para a adoção dos livros. Além da adoção de obras, as escolas podem também chamar os autores, promover rodas de conversa, ouvir os escritores", opina.

Conceição Nery conta que, em uma das escolas onde desenvolve trabalho com literatura no ensino médio, os planos para 2022 envolvem retomar obras como *Sangue*, de Da Costa e Silva, e *Beira rio beira vida*, de Assis Brasil, dialogando com outras expressões literárias nacionais e títulos recentes. Ela cita que no projeto DL – Dica de Leitura, são apresentadas obras de autores piauienses relacionando-os aos conteúdos trabalhados e sugerindo formas de aplicação em provas, a exemplo da redação do Enem. "Muitas vezes o aluno demonstra surpresa com a riqueza e profundidade das obras de piauienses. Quando apresentamos uma poesia, por exemplo, e os aspectos literários estão lá, os alunos ficam contentes em saber que temos obras tão ricas e diversificadas".

Para quem acompanha há algumas décadas essa discussão, Elmar Carvalho acredita que os órgãos de gestão pública poderiam editar antologias em prosa e verso, disponibilizando-as em formatos impressos e virtuais a estudantes e público em geral. Para ele, essas edições ampliariam o acesso e ajudariam na formação de referenciais de leitura. "É uma importante forma de visibilidade de autores e ajuda a contar a nossa história".

TERESINA SHOPPING

Promo Doce Começo

R$ 150 mil em prêmios

Serão **15 SORTEIOS DE R$ 10 MIL REAIS** cada, para dar aquela forcinha nos seus planos do início do ano.

Saiba como participar

teresinashopping.com.br

Período da promoção: 29/10/2021 a 09/01/2022 Consulte o regulamento no Site ou no APP

Patrocínio

Corona Nimbus

MADE IN PIAUÍ

Nadedja

Foto: Tim Downie

Cantando em inglês, num misto de daqui e universal

POR VALÉRIA SOARES
EDIÇÃO SAMÁRIA ANDRADE
FOTOS DIVULGAÇÃO

Fryer

A década de 1970 marcou um "boom": artistas do Brasil interpretando canções em inglês. Grupos de cantores desafiavam-se no idioma estrangeiro para se inserir no mercado fonográfico, que tinha como grande referência músicas estrangeiras tocadas nas novelas. Era a indústria cultural em língua inglesa se impondo e disseminando influências. E o inglês dando maior visibilidade a artistas em gravadoras e meios de comunicação.

Passados mais de 50 anos, com globalização instalada, diminuição de distâncias e transformações nas formas de produção e distribuição, compor em inglês ganhou muitos significados, para além das questões de mercado, que permanecem. Artistas piauienses têm buscado espaço para suas composições e querem ecoar vivências, paixões e referências. Reivindicam, assim, o direito de fazê-lo. E por que não poderiam cantar em inglês?

Ouvinte e estudioso do cenário musical no Piauí, produtor e apresentador do programa *Sonória*, na plataforma *SoundCloud*, Manoel Soares recusa que o artista precise se enquadrar em um tipo de produção em específico e defende que, antes de tudo, ele seja livre para se expressar – na sua língua materna ou em outro idioma. "Não existe uma maneira correta, um modelo único de se expressar. Se o artista se sente bem daquela forma, quem sabe como deve se expressar é ele", diz.

Júlio Baros, 31 anos, da banda de metal *Corona Nimbus*, formada em 2019, reconhece na língua inglesa influências que vêm da sua infância. "Comecei a apreciar música aos dez anos, quando chegaram pra mim *Nevermind*, do Nirvana; *Californication*, do Red Hot e *Appetite for Destruction*, do Guns N' Roses. Cerca de três ou quatro anos depois comecei a tocar violão. Todo meu histórico foi envolvido com o inglês", conta.

Após um intercâmbio nos Estados Unidos, curiosa por outras culturas e línguas, a piauiense Nadedja foi morar em Newcastle, nordeste da Inglaterra. Aos 28 anos e radicada no Reino Unido, ela carrega o inglês na vida e na carreira. O contato com a composição musical começou ainda por volta dos 13 anos, quando escritos em seu diário começaram a ganhar melodias. "Vi que se eu escrevia frases em português, também poderia explorar o inglês. Na época eu não entendia a língua o suficiente, tinha muitos erros, mas estava me divertindo e era legal, era um processo criativo", conta a artista.

Em Teresina, Fryer, nome artístico de Érico Ferry, 27 anos, se lança como artista multifacetado, que circula nas artes plásticas, literatura e música. Desde os nove anos ele exercita violão, guitarra, baixo e outros instrumentos. Mas conta que foi aos 19, quando começou a tocar piano, que voltou sua atenção para a música. Em seu primeiro trabalho, o disco *The Moth – Before the Darkness*, lançado em julho de 2021, das sete faixas que o compõem cinco são em inglês, além de duas em português. O disco foi gravado no estúdio ForestLAB, em Petrópolis (RJ), que, em meio à era digital, tem atraído artistas por trabalhar com gravações analógicas, feitas em rolo de fita e com equipamentos construídos por seu próprio dono, o engenheiro eletrônico e produtor musical Lisciel Franco, de 40 anos. Fryer conta que preferiu a gravação analógica em busca da fidelidade pelo que foi tocado,e queria "algo que remetesse a uma sonoridade vintage, como essência de um produto independente e conceitual".

Segundo o artista, cantar em dois idiomas é uma forma de quebrar tabus. "Muita gente aconselha a gravar tudo em português ou tudo em inglês, por fins de 'mercado' – não suporto essa expressão. E esse é um

> ESSE É UM TRABALHO SEM FINS MERCADOLÓGICOS, É SIMPLESMENTE ALGO QUE TENTEI FAZER COM TODA A SINCERIDADE. FRYER

trabalho sem fins mercadológicos, é simplesmente algo que tentei fazer com toda a sinceridade", diz. E explica: "As músicas em que a crítica era direcionada a coisas do Brasil eu preferia que fossem em português. As outras foram escritas com estrutura já pensada em inglês, por serem temas mais universais e pela sensação que eu queria passar".

A *Corona Nimbus* segue a mesma tendência. No disco que leva o nome da banda, das 11 faixas, oito são canções em inglês. Júlio afirma que seu trabalho traz referências de bandas piauienses que já produziam em língua inglesa, como *Avalon*, *Anno Zero* e *Megahertz*. Na Corona *Nimbus* os idealizadores buscam diversidade de sons e uma identidade própria. "Trabalho 24 horas com música e ouço desde música de igreja até metal pesado, swingueira, forró, sertanejo... Eu adoro música, principalmente se bem tocada", afirma Júlio.

Jacqueline Dourado, professora de Jornalismo da Ufpi e estudiosa de indústrias culturais, lembra que a língua portuguesa é considerada complicada para o mercado internacional, enquanto a língua inglesa tem maior aceitação. Em paralelo a isso, "temos hoje uma geração que já tem intimidade com o inglês, que já 'pensa' em inglês, foi socializada com a língua inglesa, seja por meio da escola ou pela capacidade que foram adquirindo com o acesso a músicas e filmes em inglês". Ela afirma: "Tem toda uma produção cultural em inglês que, hoje, está ainda mais ao alcance das mãos, com as plataformas digitais".

Transitando entre pop alternativo, música latina, *folk* e o *indie pop*, Nadedja conta que o primeiro contato que teve com seus artistas favoritos foi através dos discos de seus pais, em inglês. E compartilha o que considera mais importante sobre música: "A lição que aprendi é que as pessoas, tanto público quanto a indústria musical, querem a verdade e originalidade do artista. Ninguém quer ouvir a segunda versão de um artista que já existe. Quanto mais você se aproxima daquilo que você é, melhor para sua música", aposta a autora de *Transient*, álbum lançado em outubro de 2021, com quatro faixas. Para a construção de uma carreira no exterior, Nadedja procura deixar claro ao público que é uma cantora brasileira que compõe em inglês, com influências naturais do seu país de origem. Mas alerta: "Nunca pensei: 'sou brasileira e preciso escrever ou cantar músicas que lembrem meu país'. Eu queria apenas que minhas músicas fossem naturalmente o que são".

É como Manoel Soares a percebe. Ele não revela preocupação em discutir origem e idioma dos artistas. "Quando ouço Nadedja não penso: 'é uma artista do Piauí cantando em inglês'. Penso: é uma artista fazendo a música dela".

INFLUÊNCIAS E PROJEÇÕES

Em um post de Instagram Fryer definiu seu disco como "curto e esquisito". Ele diz que uma das músicas de seu álbum, "Sinal de Outubro", faz uma reflexão sobre um governo obscuro na política e se posiciona como "anti-Bolsonazi". "Acredito que a arte sempre deve ter espaço para discussões sociais e políticas. Quem acredita o contrário provavelmente não está ciente do papel da arte ao longo de diversos momentos críticos e revoluções na história da humanidade", afirma.

Por seu lado, a *Corona Nimbus* foca no regionalismo como caminho para explorar questões sociais. O instrumental *Flying Lamp* (Lampião Voador) é um exemplo. "O Sepultura tem muito disso. O nosso metal é com parte regional, bem Nordeste", afirma Júlio. Ele e seu companheiro de banda, Júnior Vieira, dizem ter influências de *Black Sabbath*, *Nirvana*, *Baroness* e, entre as brasileiras, *Sepultura*, *Scalene*, *Super Combo* e *Molho Negro*.

Já Nadedja busca inspiração em *Norah Jones*, *Sara Bareilles*, *Rosália*,

Céu e *Maggie Rogers*, e na voz masculina de *Tonny Petty*. Com *Fryer* esse processo vai variando. Em seu primeiro disco, além de *David Bowie*, tem influências de *Bauhaus* e *Nick Cave*. "Já estou mudando de novo, não gosto de me repetir. Uma das minhas maiores influências no momento está no *Nine Inch Nails* e no trabalho de *Trent Reznor*".

Com influências diversificadas, os artistas atuam num mercado da música que apresentou crescimento mundial de 7,4% em 2020, mesmo com as restrições da pandemia, mas com a expansão dos serviços de *streaming* no país. Os dados são da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (Ifpi). O Brasil está em 11º lugar entre os mercados.

No Piauí, Manoel Soares acredita ser precipitado afirmar a existência de um mercado voltado à produção internacional. Antes disso, considera que ainda falta base à construção de um mercado fonográfico local, em que os artistas vendam sua obra para além dos serviços de streaming. "O streaming rentabiliza, mas é muito pouco", salienta.

Mais do que um mercado rentável, Jacqueline Dourado enxerga nas plataformas digitais a possibilidade de existência para artistas que, mais do que lucrativos, podem se enquadrar na ideia de diversificação e fragmentação. A estudiosa lembra o conceito de "cauda longa", popularizado por Chris Anderson, para se referir à passagem de um mercado de massa para um de nichos. "Há um mercado subjacente, permitido pelas plataformas digitais, um modelo paralelo ao consumo de massa. Ou seja: dentro de um *boom* no consumo, vemos bolhas de outros tipos de consumos". E conclui: "Se isso não proporciona um grande mercado consumidor, mostra que há outras ideias de produtos ou mercados".

Presente nas principais plataformas, Nadedja diz que criou uma rede de apoio no Reino Unido que contribui para que sua música seja tocada em lugares como BBC North East. "É a realização de um sonho, porque quando você chega no país não conhece ninguém, é muito louco você conseguir, até a ponto de poder colaborar com outros artistas, de gravar com produtores daqui, fazer shows", diz.

Em dois anos de *Corona Nimbus*, Júlio Baros se diz contente pelo trabalho que tem chegado a vários lugares, e elenca Reino Unido, Estados Unidos, França, Holanda - alcances permitidos pelos lançamentos via internet e redes de contatos com outros artistas. "O lance do inglês ajudou muito a gente a sair em revistas na gringa, tem muita matéria sobre a gente lá fora", diz. Além disso, estiveram como semifinalistas do concurso EDP Lives Bands, que premia bandas vencedoras com uma apresentação no NOS ALIVE, em Lisboa, Portugal, um dos maiores festivais de música na Europa.

Fryer também é otimista com o alcance obtido e considera que a repercussão do seu trabalho tem sido positiva para um produto 100% independente.

Na expectativa de ganhar os palcos com menos restrições e mais aglomerações após os tempos pandêmicos, os artistas seguem investindo em seus trabalhos. Nadedja prepara novas músicas para lançar EP em 2022, Fryer planeja novos singles e a Corona Nimbus programa gravações de novo álbum. São vozes "made in Piauí" querendo ganhar o mundo. E por que não?

> "A LIÇÃO QUE APRENDI É QUE AS PESSOAS QUEREM A VERDADE E ORIGINALIDADE DO ARTISTA. NINGUÉM QUER OUVIR A SEGUNDA VERSÃO DE UM ARTISTA QUE JÁ EXISTE. NADEDJA

UM CIRCO NO FUSCA

Palhaços cearenses espalham alegria pelo Nordeste a bordo de um Fusca 1974

POR VALÉRIA SOARES
FOTO DIVULGAÇÃO

Era mais um dia voltando para casa, vindo do trabalho. Na moto, o casal Henrique Rosa e Amanda Santos terminava mais um expediente de espetáculos que faziam como palhaços em um Parque Aquático de Aquiraz, no Ceará. Quando uma ideia, misturada com um sonho, dá origem a um projeto: um circo itinerante em um Fusca.

Henrique sugeriu: "Ei, Amandinha, vamos comprar um Fusca e viajar por aí". A Amanda, que sonhava em ter um fusquinha desde criança, não titubeou. Com algum dinheiro juntado, partiram para a compra do automóvel, de dimensões um tanto limitadas. Mas era nele que queriam viajar e levar alegria do circo para as ruas das cidades.

"Compramos esse Fusca e pensamos: e aí como vai ser o nome. Fusca no Circo? Circo no Fusca?". Amanda completa: "Aí veio o FusCirco". Com o automóvel comprado e a ideia de cada um para apresentações solo, hora de cair na estrada. O primeiro Fusca não aguentou o tranco e tiveram que encontrar outro, com motor mais resistente aos itinerários do FusCirco. "Ainda éramos novinhos nesse ramo de Fusca", brinca Amanda.

O segundo modelo, um fusquinha azul-claro com detalhes em amarelo, ano 1974, passou a ser o transporte para levar as estripulias de Rupi (Amanda) e o malabarismo do Palhaço Pitchula (Henrique) para as pessoas. Mas veio a pandemia. Contratos de trabalho cancelados. Isolamento em casa. Era tempo de repensar a rota.

Foto Gelson Catatau

Lives, vídeos no Youtube e outras formas de se conectar com o público foram utilizados. Mas faltava o essencial: a boa gargalhada da plateia. "Em casa, comecei a pensar em me apresentar para as pessoas assistirem da calçada, né?", conta Henrique, sobre a possibilidade de chegar nas ruas com uma visita surpresa.

Em uma apresentação rápida, a rua se transformava no picadeiro, as casas em arquibancadas e um número era apresentado, tendo o malabarismo das facas, no monociclo, como "*Gran finale*". As primeiras exibições da "RIsita surpresa", nome do projeto pensado em 2020, começaram nas casas de familiares. Depois foram se expandindo e circulando pelas ruas de Fortaleza.

A animação das pessoas era o gás que eles buscavam para complementar o espetáculo. "Já estávamos há mais de um ano em casa, nos apresentando pra tela de celulares. A gente já não aguentava. Eu queria ver o público ali olhando pra gente, respondendo, o que está funcionando. Porque já tínhamos um número e apresentamos algumas vezes no modo virtual, mas não tinha a reação do público. Não sabia o que funcionava", diz Henrique.

"Senhoras e senhores, respeitável público! Chegoooou! Chegoooou na porta de sua casa a RIsita Surpresa", anunciam, no som agudo do megafone, a chegada do FusCirco. "As pessoas começavam a sair nas portas, porque é um barulho muito grande. E a gente dizendo que vai começar o espetáculo", conta Amanda, reforçando, em tom de brincadeira, que o público era lembrado dos cuidados necessários para não se aglomerar. As apresentações, no estilo dos famosos carros de telemensagem, foram gradativamente moldando o projeto do circo no Fusca.

> O CIRCO DE RUA É UMA DAS ARTES MAIS DEMOCRÁTICAS, PORQUE ASSISTE QUEM QUER E PAGA QUEM PODE.
>
> HENRIQUE ROSA

Foto Gael Brito

FUSCIRCO NA ESTRADA

A expectativa de Pitchula e Rupi para retomar a estrada já ganhava fôlego. Com a chegada da vacina e alguma melhora na situação da pandemia, eles começaram a encher o tanque do fusquinha para ir mais longe. "O Fusca é o nosso transporte, é o nosso cenário e a nossa casa", conta Amanda sobre como o automóvel tem sido a peça coringa para tudo que eles precisam. "A escada, o monociclo, o clarinete, nossa casa de camping, as roupas, tá tudo dentro", detalha.

O trabalho, com foco na linguagem popular do palhaço de rua, é pensado para circular em lugares de diferentes contextos. De lugares de chão de terra batida a shoppings, os palhaços já provocaram altas risadas.

Amanda e Henrique começaram o projeto no Ceará. Passaram por cidades como Flecheiras, Pacatuba, Guaramiranga e Sobral. Nos municípios, o coletivo tem sido convidado a integrar outros projetos culturais de expansão do circo, em parcerias com órgãos culturais ou ações independentes. Pelo perfil no Instagram (@fuscirco), divulgam o trabalho e alcançam públicos fora da região em que residem. As conexões também contribuíram para chegar ao Piauí e ao Maranhão.

Foto Jonathan Dourado

Em solo piauiense, o FusCirco passou por Teresina, Altos e Parnaíba. Na capital, fizeram parte da XII Mostra Nacional de Teatro ao Alcance de Todos, organizada pela Companhia CotJoc, na Cidade Jardim (Zona Leste), e também se apresentou na comunidade da Cacimba Velha e no Parque da Cidadania.

"Foi lindo chegar com o nosso FusCirco na comunidade

Foto Jonathan Dourado

Cacimba Velha. Ver as pessoas chegando devagarzinho, carregando as cadeiras para assistir os espetáculos da Mostra, foi de encher os nossos corações de alegria e esperança de que a arte resiste e pode, sim, estar ao alcance de todos", descreveram em legenda do perfil do Instagram. No registro fotográfico, os palhaços estão em frente a um sobrado de palha, sendo assistidos por crianças e adultos.

PALHAÇO DE RUA ALÉM DO HUMOR

Viver da cultura e da arte no Brasil têm sido um ato de resistência. Trabalhar com o circo é bem mais do que fazer as pessoas rirem. É ter uma profissão, pagar as contas e passar mensagens importantes para a sociedade.

"Antes de fazer o grande número, do "monociclo da girafa", em que eu fico em cima do monociclo de olhos vendados e faço malabarismo com três facões, a gente para e informa que o que fazemos é nosso trabalho. O circo de rua é uma das artes mais democráticas, porque assiste quem quer e paga quem pode. Quem tem, se quiser pagar pelo nosso espetáculo, esse é o momento, porque vamos passar o chapéu", explica Henrique, sobre o momento em que é coletada a contribuição voluntária dos espectadores.

Ele começou a trabalhar com circo em 2008, através de projetos culturais financiados pelo Governo Federal. Mesmo achando que não tinha jeito, devido à timidez, após as primeiras experiências o encantamento pela palhaçaria aflorou. "Estudei teatro, figurino, maquiagem e montagem. A gente (o grupo do projeto cultural) montou um evento. Fizemos uma circulação em Maracanaú, no Ceará (cidade de origem de Henrique), e quando eu participei me apaixonei, vi que ali era o que eu queria fazer na minha vida", conta. Passou a pesquisar sobre a arte do circo nas ruas e foi colecionando prêmios, como na V edição dos Profissionais do Ano - Sated/Ceará - em 2018. No currículo, registra passagens pelo projeto Palco Giratório Nacional, por festivais e convenções artísticas em todo o Brasil.

Já para Amanda, o ofício na arte circense começou por volta de 2017. Ela estudava estética, mas fez um curso de iniciação à palhaçaria. "O período em que me formei em palhaçaria foi o mesmo que terminei estética. Fui me apresentando em mostras e consegui um emprego no Beach Park, de animadora de roda (apresentação nos moldes do palhaço de rua). Foi lá que pratiquei e estudei por dois anos e aprendi a ser palhaça. Hoje vivo só de palhaça", diz aos risos, em referência à profissão. Mesmo com a falta de incentivo na área cultural, eles lutam por espaço e apoio, e querem levar a mensagem de que o palhaço de rua é agente transformador da sociedade. "O palhaço tem a liberdade de fazer rir, de fazer pensar, de fazer chorar, de fazer as pessoas refletirem sobre aquele espetáculo por por um minuto, por dias, por um ano", diz Henrique.

Durante a pandemia os palhaços buscam conscientizar a população sobre o papel do artista de rua, um dos profissionais mais afetados com o desemprego e a falta de financiamento. Henrique conta que, nos espetáculos, fala para o público que o mesmo trabalho que um "artista global" faz, o de rua também faz. A burocracia, preparar todos os números, confeccionar figurinos: tudo exige tempo e dedicação. "E as pessoas acham que a gente não trabalha, só se diverte. A gente diz para o público que as pessoas que não apoiam os artistas, que foram contra editais e auxílios durante a pandemia, são pessoas que continuam escutando a música no aplicativo, assistindo novela, vendo cinema em casa... Aí eu quero saber de vocês: a arte é necessária?".

As histórias, os sorrisos e as pessoas que encontram pelo caminho dão a Henrique e Amanda motivação para seguir com o FusCirco. "Nós vamos terminar o Nordeste no primeiro semestre de 2022, depois é Brasil e quem sabe A-r-g-e-n-t-i-na", diz Amanda arrastando as palavras em um portunhol empolgado.

Eles avisam que o fusquinha segue recebendo cuidados e manutenções. E que a alegria e o bom humor de Pitchula e Rupi continuarão seguindo pelas estradas, para revigorar corações.

CELEBRANDO A CORAGEM DE AMAR

Revestrés conversou com Nita Freire, viúva do educador Paulo Freire que completaria 100 anos em 2021. A também educadora Nita destaca a postura ética, o pensamento e a coragem de Paulo, expressa pelo profundo sentimento de amor.

POR OHANA LUIZE

Amorosidade para dividir com o mundo. A tônica presente nas declarações, textos e na postura do educador Paulo Freire diante da existência e das práticas às quais se dedicou durante anos no Brasil e em diversos países do mundo, se sobressai em cada frase dita pela professora Ana Maria Araújo Freire. Companheira que dividiu os últimos 10 anos de vida com o "Patrono da Educação Brasileira", ela é a responsável pela continuidade, publicação, divulgação e tutela de suas obras.

Nascida em Recife, Nita Freire é mestra e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Com a fala carregada de emoção e entusiasmo, Nita relembra a relação construída com Paulo em uma fase da vida do educador atravessada pela maturidade e toda a experiência de ter andarilhado o mundo, compartilhando seus pensamentos e sua produção intelectual. Vale lembrar que os passos de Paulo Freire além-fronteiras foram impulsionados por sua dedicação à educação, mas também pelas perseguições políticas que o levaram ao exílio.

No ano em que Freire faria 100 anos, o legado do educador é celebrado por estudiosos, pesquisadores e inúmeros admiradores, dentro e fora do país, onde ainda persistem tentativas de apagar e invalidar a história do brasileiro que coleciona o maior número de títulos de doutoramento pelo mundo e ficou conhecido por desenvolver o chamado Método Paulo Freire, a partir da experiência desenvolvida em Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963, junto a 300 trabalhadores. Em pouco mais de 40 dias de atividades, os participantes foram alfabetizados por meio do processo das "40 horas de Angicos". O feito continua sendo objeto de inspiração e discussões das mais variadas matizes.

Ao falar de Paulo Freire, Nita destaca o papel fundamental do amor na personalidade do marido. O

Foto que ilustra a capa do livro
Nós Dois, de Nita Freire e Paulo Freire.
Crédito: acervo Ana Maria Araújo Freire

encontro - ou reencontro - dos dois é descrito no livro *Nós dois* (2012, Editora Paz e Terra), que descreve como o casal compartilhou a união e a admiração vividas com intensidade e na transformação em suas vidas no engajamento público com as causas humanistas e com a educação.

O ano do centenário de Paulo Freire mobilizou homenagens, exposições, lançamentos de livros, eventos acadêmicos, materiais jornalísticos e outras iniciativas que foram convocando Nita Freire a expressar o significado dessa celebração.

A poucos dias de completar 88 anos e organizando viagem a Recife, depois de meses em isolamento e cuidados restritivos em decorrência da pandemia, Nita concedeu entrevista para Revestrés de maneira remota. Antes de começarmos formalmente, ela já se apresentava na sala on-line de forma sorridente, comentando ter conhecido o Piauí há muitos anos com seu primeiro marido. Lembrou do calor de Teresina e de um doce de limão que a agradou muito na capital piauiense, e destacou sua vaidade enquanto terminava de ajustar os brincos. No encosto da cadeira, uma toalha branca bordada escorregava pelo canto, deixando aparecer, sobre o ombro esquerdo de Nita, a palavra "poderosa".

> DELICADEZA NO BRASIL, ATÉ POUCO TEMPO, ERA COISA DE MULHER. HOMEM NÃO PODIA SER DELICADO. E PAULO, EU ACHO, NUNCA TEVE MEDO DESSA FACE DA DELICADEZA.

REVESTRÉS Como se deu seu encontro com Paulo Freire, que foi de trabalho, de luta e de vida?

NITA Eu acho que foi, sobretudo, um encontro de amor. Muito mais que de trabalho, de amizade, de cumplicidade, de fidelidade. Foram coisas maravilhosas para a vida de Paulo e para a minha. Paulo estudou no colégio do meu pai, o colégio Oswaldo Cruz, do Recife. Meu pai era proprietário e diretor do colégio, e a mãe de Paulo, viúva, saiu pelo Recife procurando uma escola que o aceitasse, mas os colégios religiosos não aceitavam alunos sem pagar. Quando ela desistiu, Paulo insiste que ela vá pela última vez. Quando ela pede para falar com o diretor, então ela diz "olha, eu sou viúva, e tô pedindo uma gratuidade do ensino pro meu filho". Aí meu pai disse: "olha, eu dou (gratuidade), eu sempre dou a todas as pessoas que me pedem ou pessoas que eu sei que precisam e que querem estudar. Agora tenho uma condição. Essa condição é que seja um desejo dele de estudar e não uma vontade sua de levar um filho a ser estudioso, um filho que se dedique aos estudos intelectuais". Era tudo que ele desejava na vida. Nossa casa era em frente ao colégio e, naquele tempo, não existiam portas fechadas. Então os alunos entravam lá, saíam, e Paulo era um desses que frequentaram muito a casa de meus pais. Depois ele se casou, ainda muito jovem, com Elza. Mas anos depois, já viúvos, nos reencontramos e resolvemos partir para o amor pleno, completo, cheio de muita felicidade. E foram tempos plenos de ver o mundo mais bonito. Agora lembrei de um fato: eu comprava sempre suco de caju Maguary. Sempre. Quando eu chego no supermercado, logo que começou aquela coisa assim, "ô Paulo", eu disse: "nossa, que rótulo mais bonito que a Maguary fez, que rótulo lindo". Quando chego em casa era igualzinho ao que já tinha na minha geladeira, o de sempre (risos). Até o rótulo a gente inventa que está mais bonito.

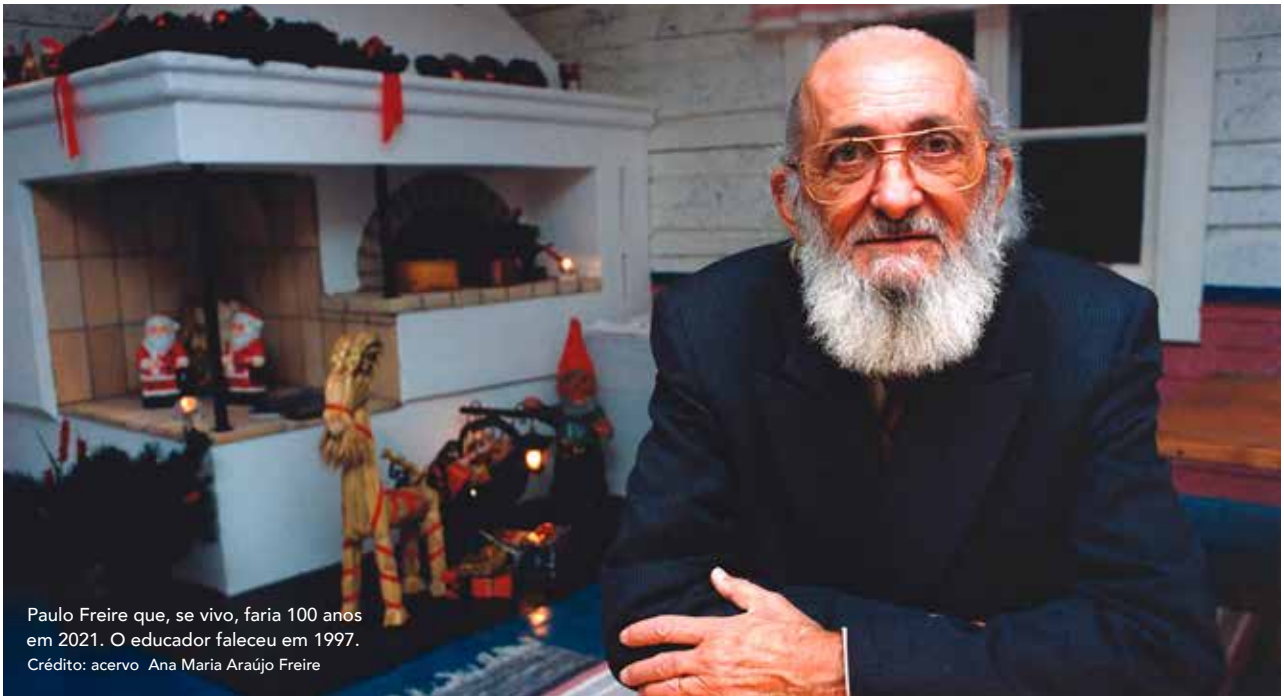
REVESTRÉS O coração apaixonado viu diferente.

NITA Viu diferente, menina! Era eu apaixonada. Mas vivemos pouco tempo. Porque dez anos foi muito pouco para viver com Paulo. Paulo era um ser privilegiado. Um homem de uma lisura, de uma honradez pouco vista. Tinha conduta ética intocável. E era homem de uma delicadeza, essa que era praticamente nunca vista. Delicadeza no Brasil, até pouco tempo, era coisa de mulher. Homem não podia ser delicado. E Paulo, eu acho, nunca teve medo dessa face da delicadeza. Eu digo que foi um dom que Deus mandou de ter podido conviver com um homem como Paulo. Ele dizia: "um educador tem que construir as suas virtudes, ter coragem de amar. Eu tenho coragem de amar". E isso não era bem visto quando ele começou a falar. O pessoal achava isso muito estranho.

REVESTRÉS Nesse contexto de centenário, vemos, claramente, por um lado os ataques, as perseguições à memória e obra de Paulo Freire. Por outro lado, vemos pessoas revisitando sua obra ou mesmo o conhecendo melhor. Para você, qual o perfil das pessoas que seguem, que se inspiram em Paulo Freire, e qual é o perfil das pessoas que ainda insistem em atacá-lo e persegui-lo?

NITA Sabe, outro dia eu escrevi um texto que partia de uma pergunta semelhante. Então pensei: Paulo é admirado. Muito admirado, valorizado, uma referência constante para aquelas pessoas que sabem amar. Quem sabe amar, sabe valorizar Paulo. Porque ele baseava todos os seus atos em atos amorosos. Agora, quem fica chamando Paulo de energúmeno, de satanás, de víbora, não sei o quê... A começar por um homem que nunca deveria dizer, o presidente da república, e os seus idiotas, me desculpe chamar assim, mas idiotas seguidores que repetem esse discurso do mal, da contravenção, da tortura, da morte, da desvalorização de quem sabe amar, da desvalorização de quem sabe entender as outras pessoas. Essa gente não foi feita para entender ninguém. Eles foram feitos para castigar, para matar. O ofício principal deles é isso. É a companhia do ódio, é o escritório do ódio, e vamos adiante. E em todos os lugares do mundo. Que coisa bárbara! E não resulta em nada porque esse homem está revestido de uma carapuça tão diabólica que todo mundo tem medo de colocá-lo no lugar que ele merece, que é a prisão. Tirá-lo da presidência da república, porque ele não pode ser nosso representante.

REVESTRÉS Em fala recente durante evento da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) você falou que Paulo Freire trazia uma teoria que pensa não só as ideias, mas pensa a



Paulo Freire que, se vivo, faria 100 anos em 2021. O educador faleceu em 1997.
Crédito: acervo Ana Maria Araújo Freire

existência e pensa a vida. O que é pensar a existência e pensar a vida a partir de Paulo Freire?

NITA Ele não pensa as ideias como quase todos os filósofos, que começam com os pensadores gregos e chegam até os dias de hoje, com avanços e com recuos, com repúdios a algumas ideias, com endossos a outras ideias, e assim a história dos filósofos ou a história da filosofia vem se constituindo. Paulo não pensou as ideias. Paulo pensou, por exemplo, o seguinte: o caso Miguel, menino morto em Recife por desprezo intencional, por uma intenção maldosa – até porque ninguém deixa uma criança de cinco anos em um elevador sozinho e ele toca no andar onde quer e desce, e cai do 9º andar. Eram coisas que Paulo não suportava. Ele estaria publicamente em defesa sempre desse menino. Desse menino e da mãe dele. Restou a ela somente o quê? Chorar pelo filho. Quero dizer com isso que Paulo jamais deixaria passar coisas como essa. Paulo não trabalhava com fantasias, não sentava em uma mesa para escrever e ficava pensando "ah, isso não presta", e jogava fora. Paulo se sentava e escrevia sobre o que ele tinha visto, constatado, avaliado, apreendido, discernido. Então construiu toda a sua epistemologia a partir dos dados da vida, em defesa da existência humana.

REVESTRÉS Em algumas ocasiões, você costuma lembrar que ele falava a respeito de ter uma justa raiva. Essa justa raiva tem relação com o esperançar?

NITA As coisas de Paulo sempre têm relação uma com a outra. Você tem que ter a justa raiva. A raiva, pela raiva, não leva a nada. Mas você ter a raiva como uma forma de denúncia. Eu denuncio um fato que não pode existir, então eu estou com raiva. Você não pode ter o ódio, porque o ódio vira vingança, mas você pode ter a raiva. Ela é a indignação, um anúncio de novas coisas e novo tempo. O anúncio de que aquele fato errado pode ter outra interpretação. Pode ter outro encaminhamento concreto na vida. E ele fala na esperança de que o anúncio traga realmente a esperança de dias melhores, de momentos melhores. A esperança, que ele sempre falou já nos últimos anos da vida, seria o esperançar. A esperança é um substantivo, não tem mobilidade, pois o substantivo é estático. Você ter esperança é um estágio estático. Você não se mobiliza por ele e o esperançar, que é verbo, dá mobilidade, dá ação. Quando a gente desesperançar, é hora de colocar aquela esperança em ação para conseguir as coisas.

REVESTRÉS No seu encontro com o Papa Francisco, além de toda a influência de Paulo Freire na educação e nas ciências em geral, havia

“

PAULO USA BONITEZA COMO SINÔNIMO DE ÉTICA, DE ESTÉTICA E DE POLÍTICA. A POLÍTICA É UMA BONITEZA DESDE QUE A GENTE TENHA ÉTICA AO FAZÊ-LA.

a curiosidade de saber mais sobre a influência dele na igreja, nos marcos da teologia da libertação. Você também foi atrás de respostas sobre isso. Como foi esse encontro, quais foram as respostas e o que reverberou desde então?

NITA Foi uma coisa impressionante. Chegando lá você não entra lá assim de qualquer maneira. Eu tinha mandado fazer uma caixa enorme, com todos os livros de Paulo e os meus para dar a ele de presente, uma coisa linda. Minha filha comprou um papel desses maravilhosos, cor azul, com fita, e fizemos um laço. Só que, ao chegar lá, disseram “o que é isso?”. Falei que eram os livros do meu marido. Mas tivemos que entregar a caixa antes para verificar se não tinha algum perigo para o Papa. O encontro durou 40 minutos e foi uma coisa incrível. Parecíamos bons amigos de infância, como se eu o tivesse conhecido durante toda a minha vida. Agora, as coisas que eu precisava saber do Vaticano, o Papa mandou perguntar, mas o tipo de documento só seria possível ver depois de 70 anos. Aí o Papa disse: “olha, daqui a uns 30 anos já vai fazer 70, a senhora pode voltar”.

Após contar sobre a descontração que deu tom ao encontro que rendeu um convite para pizza ou uma feijoada na visita de Francisco ao Brasil (ambos ainda não concretizados), Nita dá uma pausa na conversa e mostra alguns livros organizados por ela, dentre eles a biografia *Paulo Freire: uma história de vida*, que foi premiada com o Jabuti em 2007, e *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*, lançado em 2021 pela editora Paz e Terra.

REVESTRÉS Essa palavra representa muito no âmbito da dimensão criativa das palavras de Paulo Freire, não é?

NITA Quando nós começamos a namorar ele começou a me chamar de boniteza. Então ele ligava para minha casa e dizia “como vai a minha boniteza?”. Eu era muito mais moça, tinha um espírito muito mais jovial. Então ele ficou encantado com essa coisa da minha jovialidade. Me chamava de boniteza. Até que um dia, em uma entrevista com uma professora, Paulo falou em boniteza da disciplina. A partir desse dia, Paulo usa boniteza como sinônimo de ética, de estética e de política. A política é uma boniteza desde que a gente tenha ética ao fazê-la. Esse é um livro muito bonito para ler e recomendar. Neste ano, praticamente tudo que faço é em função de comemorar os 100 anos do nascimento desse homem, Paulo Freire, que, por um dom divino, Deus me entregou a ele e ele a mim. Uma coisa absolutamente especial.

REVESTRÉS E quais são, ainda, seus sonhos possíveis? Os sonhos que ainda lhe movimentam.

NITA Eu sou uma mulher que tem muita ousadia, muita coragem, muita energia. Sempre fui assim. Quando Paulo morreu achei que eu precisava morrer, porque já não tinha o que fazer. Foi um tempo de perda muito sofrido. Fiquei uns três ou quatro anos entregue somente a isso. Depois as pessoas começaram a falar dos textos, de publicar o que ainda não tinha sido lido. Então fui pouco a pouco entrando na vida dedicada a isso. Para que ele permanecesse como o homem que ele era, como o homem que ele tinha sido em toda a sua vida. Um homem de uma honradez inatacável, de ética, generoso, tolerante, um homem que tinha uma coragem de amar, acima de tudo. Então, sobre os meus sonhos possíveis, estão na alegria de receber as homenagens, os títulos, rever os amigos. É primordialmente para ele, mas o meu eu está ali, pois nós vivemos assim. Amar Paulo era muito fácil. O Paulo ficou viúvo com 65 anos. Aos 66 nós nos casamos. Os filhos dele o chamavam de velho e ele ficou um pouco complexado com isso (risos). Mas ele dizia “eu tive coragem de amar quando já era velho”. Mas ele era maduro e entendia os gestos, as emoções, os sentimentos. Quando a igreja diz “dois em um só corpo”, eu acho que existe isso.

@santaatelier

POR ALDENORA CAVALCANTE

FOTOS REDES SOCIAIS

BISCOITAGEM COM PROPÓSITO

Consumo e venda de biscoitos #ForaBolsonaro crescem e reforçam: comer também é uma forma de se manifestar politicamente.

Em maio deste ano, enquanto milhares de manifestantes começavam a ir às ruas para pedir o impeachment do presidente, uma foto de autoria desconhecida passou a circular nas redes sociais: uma xícara de café, acompanhada de biscoitos com os dizeres: #ForaBolsonaro.

A imagem, além de intensamente compartilhada, também estimulou algumas pessoas a confeccionarem o biscoito como uma maneira de se manifestar politicamente. A receita desse sucesso foi bem simples: juntou a insatisfação com o governo, a necessidade de isolamento social e a vontade de construir uma rede mais consistente de pessoas protestando de diversas formas. No modo de preparo, o mote foi uma mistura uniforme de desejo de mudança.

@raissainwonderland

@raissainwonderland

@raissainwonderland

> AS PESSOAS QUEREM MUITO POSTAR O BISCOITO NAS REDES, PARA TER A APROVAÇÃO DE SEGUIDORES E TAMBÉM MOSTRAR SEU PENSAMENTO.
>
> MELISSA

Quando viu a imagem, Melissa, produtora de artes no Rio de Janeiro, achou que fosse montagem mas, logo em seguida, pensou em utilizar a ideia para presentear amigos que também compartilham do mesmo sentimento. "Isso aconteceu na primeira manifestação contra o governo, entre maio e junho, e ali eu já recebi algumas encomendas", comenta.

Como as ofertas de trabalho para ela e o companheiro estavam cada vez mais escassas em razão da pandemia, vender os biscoitos veio como possibilidade de ter algum retorno financeiro em meio à crise econômica brasileira. "Mas é para ser temporário, até a gente conseguir voltar a trabalhar na nossa área", explica. "Inclusive essa temática a gente também espera que seja temporária", acrescenta, ao se referir ao desejo de que Bolsonaro (sem partido) deixe a presidência.

A foto também chegou a Raíssa Accarini em Araraquara, São Paulo, que prontamente adquiriu a fôrma para a confecção dos biscoitos com Manuel Guerra, pernambucano que trabalha com impressão 3D. A linha de produção dos biscoitos políticos seguia conectando, de ponta a ponta do país, pessoas com a mesma indignação, em um protesto gastronomicamente silencioso. A sacada de Manuel ao criar as fôrmas rendeu mais de quinhentos pedidos em um mês. Além do #forabolsonaro, as mais pedidas são: #Lula2022, #Imunizado, #VivaoSus e #VivaACiência. "Mas também recebi pedidos de frases a favor do governo". Esses, ele afirma que dispensa de imediato.

Quanto aos biscoitos, Raíssa conta que já chegou a produzir 200 por dia. "Atualmente envio, em média, 400 biscoitos por semana e tenho lista de espera de 40 pedidos", comenta a confeiteira, que também é bióloga e, além dos biscoitos, divide o tempo com outras funções, como terminar uma tese de doutorado, ser professora e voluntária em uma instituição social.

A demanda de pedidos também é alta no Rio de Janeiro. Melissa tem fila de espera com pedidos encomendados até o fim do ano. "A procura aumentou muito desde maio", comenta Melissa, que produz cerca de mil unidades por semana. Além das redes sociais, ela também coloca os biscoitos à venda na loja de uma amiga na cidade.

@santaatelier

@santaatelier

@raissainwonderland

#FORABOLSONARO PELO PAÍS

O aumento da procura também vem gerando uma rede de #forabolsonaro nos biscoitos pelo país. Com a alta procura, aqueles que confeccionam se conectam para conseguir dar conta. "Às vezes a gente indica produtores que moram mais próximos dos clientes, mas o oposto também acontece", comenta Melissa. Essa troca também se dá com a receita dos biscoitos. "Eu compartilho a receita com quem mora longe, o frete é alto e elas pedem para eu explicar como faz", complementa Raíssa Accarini. O compartilhamento da receita é uma alternativa para espalhar a mensagem. "Os biscoitos são uma forma de protestar mais leve e com senso de humor", acrescenta.

"As pessoas querem muito postar o biscoito nas redes, como se fosse um cartaz, para ter a aprovação de seguidores e também mostrar seu pensamento. Elas montam mesa com xícara de chá ou café e fazem a foto. É uma biscoitagem com propósito", acrescenta Melissa. "Em época de manifestação isso aumenta, porque é algo que as pessoas querem que aconteça", ela diz. A intensificação da produção, venda e consumo dos biscoitos demarca a máxima: comer também é um ato político.

> "É UMA FORMA DE PROTESTAR MAIS LEVE E COM SENSO DE HUMOR.
>
> RAÍSSA ACCARINI

RECEITA DO BISCOITO #FORABOLSONARO

Por Raíssa Accarini

INGREDIENTES

Margarina; Açúcar; Ovos; Farinha de Trigo.

MODO DE FAZER

Bata na batedeira um ovo, duas colheres de margarina e uma xícara de açúcar. Em seguida, adicione duas xícaras de farinha de trigo, enquanto vai sovando com a mão. Quando a massa ficar maleável, embale em um papel filme e coloque na geladeira por uma hora. Após o período, estique a massa com o rolo, sempre polvilhando com farinha.

Com a massa pronta, corte os biscoitos utilizando a fôrma #ForaBolsonaro e coloque em uma fôrma para assar no forno com papel manteiga ou antiaderente.

As compras podem ser feitas pelo instagram das vendedoras: @raissainwonderland e @santaatelier

SUCESSO
ARMAZÉM
Paraíba
Sucesso em qualquer lugar
AQUI O
NATAL
ACONTECE
Tem presentes
para toda a família
em até 18x
mensais nos cartões
VISA
mastercard
CREDISHOP
Hipercard
CONSULTE AS CONDIÇÕES DE PARCELAMENTO NA LOJA

O PENSAMENTO DESINTEGRADO E EM FÚRIA DE TORQUATO NETO

"não há como esperar por coisas novas em qualquer outro caminho que não seja o caminho de casa"

Walter Benjamin

Numa carta de 11 de novembro de 1968 para artista visual Lygia Clark, naquele momento em Londres, Hélio Oiticica apresenta um jovem e amado amigo a ela, Torquato Neto, então com 24 anos, e diz do quanto esse moço é impressionantemente livre, à deriva, severo e estudioso e que vem fazendo uns poemas em que *palavras e sinais se desintegram*; depois anota: "Uma coisa engraçada: Torquato gosta, em geral, de coisas que ninguém gosta". E em abril de 1973, numa temporada em New York, Torquato já morto [10 de novembro de 1972, aos 28 anos], Hélio volta a escrever acerca do quanto a força e a fúria, esses elementos que engendram um estado desintegrado da língua e do pensamento de Torquato, são um projétil em direção a nada, por isso, certamente, lembra de Antonin Artaud: "cura = veneno". Ainda mais quando há uma discussão inócua de que a literatura pode se lançar a uma facilidade rasa e simplória, galvanizada, de cura. Importante lembrar que Gilles Deleuze – que também se matou, e aos 70 anos, num sem saídas da somatização que venceu a guerra do século 20 em torno de uma ideia de "acesso" –, já falara na radicalidade de *uma saúde*, mas nunca de uma cura.

Adiante, Hélio, nesse mesmo datiloscrito, lembra que Torquato "não era digno da mesa nem dos 'malditos' da nossa paupérrima 'casa grande', ?????, uma espécie de MIDNIGHT RAMBLER atrás da porta e do conforto desconfortável do contentismo suado". Atravessar esses *não-sentidos* é, sempre, retirar ou, no mínimo, deslocar e descolar Torquato de uma leitura primária que o conforma apenas numa certa memória fixa de geração, anos 1970, ditadura militar, tropicalismos etc. Importante, talvez, muito mais, agora, perceber também os desvios oscilantes e, se devagar, reparar, pelo menos nessas indicações que fez. Cabe imaginar, ainda, que "experimentar o experimental", proposto por esses sujeitos-ar-rarefeito da cultura brasileira, tem a ver com o desconhecido, um modo a uma ultravida ou a um além-mundo, mas aqui, no único mundo que criamos.

Um imprevisto heterogêneo e singular que vai desde vestir-se de Nosferato num filme de Ivan Cardoso [**Nosferato no Brasil**, 1971], por exemplo, ou optar por uma fotografia do rosto de Jean-Luc Godard – com a legenda "Poeta. Nunca teve medo de quebrar a cara." – , quando reclama, em sua coluna **Geleia Geral**, 14 de setembro, 1971, terça-feira, intitulada *Pessoal Intransferível*, uma tarefa política para o poeta: "é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela". Depois, ainda anota: "quem não se arrisca não pode berrar" e esta circunstância desdobrada acerca daquele que teme lançar-se e grita de horror: é sempre o homem mesmo se for um boi. Poeta, para Torquato, é Godard, o cineasta francês que jamais aboliu a convulsão da luta de classes ao perceber que, muito mais, numa opressão da história, estamos diante da luta das imagens e com as imagens: recuperar, retratar e restituir exatamente quando a linguagem se inclina a fingir-se de morta imitando um inseto. Godard sempre reage: "faz filmes como quem não tem nada a perder", disse dele François Truffaut.

Tudo o que foi pensado e escrito por Torquato vai num sentido sem direção, um desalinhavo, no mínimo, mas muito mais, como ele mesmo indicara, ou Hélio, para uma desintegração. E isto tem a ver com o desanuvio do corpo que desbarata o malogro, logo, de antemão, de

qualquer princípio construído para um consumo institucional. A atenção também se abisma naquilo que o pensamento de um andarilho como ele consegue revirar e se arremessa à potência de enfrentamento, principalmente, do "atual", como o que *atua* e *promete*, ou seja, como uma coragem para tocar um tempo em que aquilo que é a história e todos os seus entornos e litorais não têm mais esperança alguma. Assim, é irrelevante ler-se qualquer coisa sem a aderência de toda a empiria que a palavra testemunha quando se modula politicamente opondo-se às formas de dominação do instituído, ainda mais se o que se vai ler é um poeta como Torquato Neto. O que há é a urgência do pensamento que expandiu e do quanto ela exige, ato gratuito, um gesto para acolher um outro como outro – "Minha amiga mais bonita é meu irmão" –, tal como Jacques Derrida sugere em carta a alguns escritores palestinos: "Começar, re-começar (recomecemos), é arriscado, às vezes impossível, sabemos, por dizer 'nós'. O mais justamente, o menos injustamente possível. [...] *Nós* achamos que é nesse limite, nesse lugar de esgotamento, que é possível começar a recomeçar. E esse limite é o dentro ou o fundo do coração. Daquilo que decidimos chamar de novo coração, para invocá-lo. Aí o *nós* ultrapassa a razão e ganha imediatamente o coração, é lá que ele fala sem diplomacia ao coração, do coração, de coração a coração, a razão do coração, sua razão política. *Nós* estamos seguros disso: o coração, que não quer dizer outra coisa, está do lado da vida."

É aí que mora e demora, e se demora, uma das proposições mais viscerais de Torquato Neto, quando escreve em 15 de setembro, 1971, na sua coluna, a ideia de "por a boca no mundo" que se engendra e gira em torno da figuração de um "*qual-quer*", um "tudo é perigoso" porque "assim não é possível". Há um cansaço ou, muito mais, um esgotamento, que tem a ver certamente com o imponderável da perda de toda vinculação entre corpo e pensamento, pensamento e corpo; perda que é também produzida por uma sociedade sem brechas, e aí sim, encurtada pela eficácia violenta da ditadura militar, mas não só, porque há ainda e fatalmente a eficácia mais abrangente e violenta do capitalismo de chumbo. Contra isso a reação furiosa é a da imaginação como um perigo, "o poeta perigoso" de Dante Alighieri, que pode desmontar e desfazer a assimilação em estado de truque financeiro de que a liberdade, a inteligência, a alegria, a juventude, o estudo etc. são conveniências a uma sobrevida. No poema *Literato Cantabile*, ele escreve: "agora não se fala mais / toda palavra guarda uma cilada / e qualquer gesto é o fim / do seu início / agora não se fala nada / e tudo é transparente em cada forma / qualquer palavra é um gesto / e em minha orla / os pássaros de sempre cantam assim, / do precipício: // a guerra acabou / quem perdeu agradeça / a quem ganhou. / não se fala. não é permitido / mudar de ideia. é proibido. / não se permite nunca mais olhares / tensões de cismas crises e outros tempos / está vetado qualquer movimento / do corpo ou onde quer que alhures. / toda palavra envolve o precipício / e os literatos foram todos para o hospício / e não se sabe nunca mais do mim. agora o nunca. / agora não se fala nada, sim. fim. a guerra / acabou / e quem perdeu agradeça a quem ganhou."

O gesto que se estende, faca só lâmina, da mesma guerra de sempre e que se pode apreender de Torquato Neto, escorre do Piauí até uma anulação de uma ideia de centro e, assim, de poder. Quando, por exemplo, curvado, alguém agradece a visita do vento que vem do sudeste para retirar o pó de um suposto desamparo, sem memória ou lembrança, numa espécie de fome, porque é pobre e mora longe num Piauí desmilinguido, basta reparar-se em Torquato, lição por sua vez apreendida de Drummond, "melancólico / e vertical", impondo-se com toda a força furiosa do corpo e do pensamento para dizer que é um contra movimento ao mapa, ou às avessas ou apagado por completo, que se pode rearmar e rasgar o desenho, um Torres García mais severo e mais perto do *infraleve* de Marcel Duchamp e as máquinas celibatárias.

Ora, é olhar ao lado, porque longe mesmo é o muro sudestino que é quase sempre preconceituoso e bélico, um protofascismo lânguido, em direção aos gabirus que todos poderíamos ser. De fato, cagam e andam a *qual-quer* que deste nordeste venha e não lhes aceite pedir a benção ou lamber as botas, dar a volta em suas cabeças como moscas famintas. Se ao lado e mais perto, repare-se no trabalho imparável, por exemplo [pra ficar apenas nos cindo dedos de uma mão esquerda e jovem, como esse Torquato sempre aos 28 anos], de Adriano Lobão Aragão, Demetrios Galvão, Laís Romero, Renata Flávia e Thiago E. E repare-se na revista **Acrobata** ou nesta **Revestrés** e no trabalho de seus editores e sei lá quantas outras pessoas, pensamento, esforço e tantos pequenos gestos de desintegração e fúria. Fácil lembrar de duas mínimas linhas implacáveis de Renata Flávia, uma poeta das mais interessantes e com imensa proposição política em tudo o que toca: "em estado de guerra, eu abraço!" e "punhal cego que sai cortando a porradas. assim se arrancam falsas promessas".

EU QUE FIZ
POR NONATO OLIVEIRA

POR NONATO OLIVEIRA E MARINA OLIVEIRA

FOTO ARQUIVO PESSOAL

Em 1994 a PIEMTUR me convidou para fazer um painel no Centro de Convenções. Aquele lugar iria receber muita gente de fora, então eu quis oferecer uma visão, ao turista, do povo de Teresina como o povo daqui é, o nosso jeito, a nossa beleza.

Costumo dizer que o calor humano por estas terras é maior do que o calor quente. As pessoas se alegram quando recebem gente de fora, e eu quis mostrar isso por meio da pintura, acrescentando ali elementos da nossa cultura popular e do nosso folclore, como o reisado, e um pouco de religiosidade e de natureza.

Com o passar do tempo e sujeito à chuva e ao sol forte, além de fumaça e poeira, o painel foi perdendo as cores originais e sofreu degradação na própria estrutura. Foi necessário recuperar. Mas na primeira restauração, realizada há alguns anos, adquiriram material de baixa qualidade e logo a pintura foi se desgastando novamente.

Agora foi tudo diferente. A começar pela equipe que colocou a mão na massa. Eram artistas urbanos que já conheciam e gostavam do meu trabalho. Fizemos a articulação com eles por meio da parceria público-privada firmada pelo governo do estado, responsável pelas obras do Centro de Convenções.

Planejamos tudo em 20 dias e a equipe conduzida pelo grande WG Mucambo – Malcom Jefferson, Phillip Marinho, William Gabriel, Jarlexandre e Gardel Mendes – executou tudo em dez dias. Fizeram um trabalho maravilhoso e foi muito legal conviver com o grupo durante esse tempo.

Desta vez usamos produtos de excelente qualidade e passamos quatro camadas de tinta para cobrir o que havia antes. Eu marquei as cores para eles pintarem, tentando fazer o mais fiel possível ao painel original de 1994, e trabalhei na correção e no acabamento. No final, aplicamos camadas de um verniz forte para proteger tudo e manter as cores intensas por mais tempo.

Foi uma felicidade imensa ver a obra restaurada. Durante o serviço, recebi a visita de amigos e de outras pessoas que passavam por ali e ficavam encantadas com o trabalho. Me alegrou muito este reconhecimento porque tudo que sempre fiz nos muros da cidade foi para a população ver.

Muitos painéis meus já foram derrubados em Teresina, tendo sido a maioria pelos próprios governantes. Isso me entristece. Então poder trazer de volta essas cores vivas, com a pintura bonita como era antes, para as pessoas apreciarem, me causa muita satisfação. É muito bom ver meu trabalho preservado e valorizado. Esse painel representa a minha felicidade em mostrar o piauiense para si mesmo, para que se veja ali, e se sinta feliz também. A minha arte sempre vai ser para o povo.

SALIPI
SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ

13 A 19/DEZ

UFPI - ESPAÇO ROSA DOS VENTOS

POETA E PROFESSORA

18ª EDIÇÃO

GRAÇA VILHENA

19º EDIÇÃO

CLIMÉRIO FERREIRA

POETA, CANTOR E COMPOSITOR

- Bate Papo Literário
- Seminário Língua Viva
- Palco Marcos Peixoto
- Estação Letras e Expressões
- Feira de Livros
- Praça Assis Brasil

"ONDE HOUVER TREVAS QUE EU LEVE LIVROS"

(Cineas Santos)

Informações: salipi.com.br

salaodolivrodopiauí

PATROCÍNIO:

REALIZAÇÃO:

©cjflashpi

"E lá estavam os dois respirando o ar engordurado daquele restaurante de beira de estrada, Ingo com sua azia de estimação, Miguel com uma carga de pressentimentos que lhe chegava a pesar nos ombros. Aos poucos, o local começava a se esvaziar. E nada que mereça ficar para a história ocorreu até perto da meia-noite.

Nessa hora, as carretas que traziam os componentes eletrônicos do Amazonas entraram no posto de combustíveis e se encaminharam, lentas e majestosas como dois paquidermes amestrados, rumo ao estacionamento. Ingo se mexeu na cadeira, inquieto. E soltou um palavrão quando, grudado nas carretas, passou um carro de escolta, um Chevette, com quatro marmanjos de boné e, na certa, armamento pesado a bordo.

E não foi só isso.

Também chegou ao posto um caminhão do Exército, que, antes mesmo de parar por completo, despejou da carroceria uma dúzia e meia de soldados armados com fuzis automáticos, que se espalharam em busca de posições estratégicas. Ingo tocou o estômago e deu um gemido.

Fodeu, Miguel.

É com a gente?

Pode apostar que é.

Por instinto mais do que por coincidência, ambos pensaram nas armas no porta-malas do carro, o que fez com que olhassem ao mesmo tempo na direção do estacionamento – para descobrir que o Opala vinha recebendo mais atenção do que deveria do oficial coxo e de seus recrutas; um deles espremia o rosto contra o vidro do para-brisa, tentando enxergar o interior do veículo. Ingo se virou para Miguel:

Caímos numa ratoeira.

Três outros militares se acercaram do capitão, trocaram continências e o grupo se concentrou na parte traseira do Opala. Por fim, um civil usando paletó e gravata se juntou a eles, um gordo com uma submetralhadora presa ao ombro por uma alça.

Ingo reparou que o recruta tinha se agachado e inspecionava debaixo do veículo com uma lanterna. Não ia demorar para encontrarem a escopeta e a pistola escondidas no porta-malas. Ele questionou Miguel:

Qual é a situação do carro?

Ainda tá com a placa original. Puxei hoje cedo de um estacionamento no centro.

Era verdade, ao menos em parte: na manhã daquele dia, Miguel recebera as chaves e se apossara oficialmente do Opala no pátio central da polícia. Ninguém poderia ter dado queixa de furto.

Ingo coçou no queixo a barba que despontava. Uns fios avermelhados. Entre as pernas de Nádia, os pelos também eram avermelhados. Lembrar disso causou um sobressalto em Miguel. Um estremecimento. Ingo notou, e confundiu com uma reação de nervosismo diante da situação que enfrentavam.

Miguel, eles não sabem quem está com o carro. Vamos esperar pra ver o que acontece.

E o que aconteceu a seguir não serviu para tranquilizar ninguém. Ao contrário: deixou os dois num estado ainda maior de tensão. Acompanhado de alguns soldados, o capitão postou-se na porta do restaurante, onde deu início a uma operação pente-fino, abordando quem saía. Estava em busca do dono do Opala.

Trecho de "Baixo esplendor", novo romance de Marçal Aquino.

Anjos existem!

Nos últimos meses, eles vêm trabalhando ainda mais, e com bravura! Apesar de toda dedicação, foram muitas as perdas, mas a boa notícia é que ainda há muita vida para celebrar!

Os anjos brilham e vivem em meio a muitas cores. E agora, ganham até decoração especial. Vem viver de perto esse sentimento!

Confira a programação nas redes @governodopiaui @cultura.pi

Esperamos você até o dia 06 de janeiro na Av. Antonino Freire, em frente ao Palácio do Karnak.

Não esqueça de usar a máscara e manter o distanciamento.

APOIO:

AS 10 DICAS
EQUIPE REVESTRÉS

ADRIANO LEITE

PEDAL - Pedalar é mais do que uma prática esportiva. Durante a pandemia, o ciclismo me salvou de várias maneiras e me fez compreender a importância de um coletivo.

ALCIDES JÚNIOR

CLUBE DO LIVRO DO DESIGN - A designer Tereza Bettinardi criou uma série de debates on-line sobre design gráfico. Ao constatar a pouca bibliografia traduzida para o português, resolveu transformar o clube em uma editora e traduzir livros relevantes do design gráfico mundial. Iniciativa importante em uma profissão muito elitista em nosso país. O clube está com crowdfunding aberto no Catarse para quem quiser apoiar.

ALDENORA CAVALCANTE

PODCAST - Malamanhadas, podcast que faço parte. Brincadeira, haha. Indico o Elas Pesquisam, um podcast cearense, independente e feminista, que discute ciência e entretenimento com muito bom humor. E reforço a máxima: escutem podcasts feitos por mulheres nordestinas!

ANDRÉ GONÇALVES

OS QUE BEBEM COMO OS CÃES - Publicado em 1975, o livro do piauiense Assis Brasil não se perde na temporalidade. Uma história dura sobre liberdade, opressão, tortura, desespero e esperança. Para reler - ou ler - com olhos atentos e disposição de buscar caminhos para retomar o sonho de um país melhor.

LUANA SENA

NÃO VOU DEIXAR (DO NOVO ÁLBUM DO CAETANO VELOSO, "MEU COCO") - Caetano está vivo e brilhante, pra nossa sorte. "Meu coco", lançado em outubro, é elegante, crítico, afiado, alegre, dançante. Esta faixa me conquistou de cara. É um grito de revolta, de inconformidade com o absurdo que se deu. Para mim, é o "Apesar de você" do Chico em versão Caetano 2021. Dê o play em alto volume.

MAURÍCIO POKEMON

UM LUGAR - Camboa, em Cajueiro da Praia. Pra mim, é onde abre pra vida, uma vida sem duelar com a morte, é onde existe saída e chegada, parece a entrada do mundo. Mas é onde vou pra tentar sair dele. Uma paisagem em movimento.

OHANA LUIZE

2022 VEM AÍ - E tudo ainda tem cara, forma e ritmo de espera. No Brasil, há quem já indique 12 meses de um anseio coletivo por 2023... Deixo o convite nas palavras de Eduardo Galeano: "que tal se fixarmos nossos olhos além da infâmia para imaginar outro mundo possível?" Imagine e crie!

SAMÁRIA ANDRADE

DESCONECTE-SE - Parece paradoxal quando estamos conectados para fazer quase tudo. E, conectados, vamos fornecendo nossos dados, sendo sugados pelo excesso de mensagens, perdendo a capacidade de concentração. A dica é tentar reencontrar uma conexão (perdida) conosco mesmo.

VALÉRIA SOARES

DOCUMENTÁRIO - *Amarelo: É tudo pra ontem*, do Emicida, é sobre conhecer e reconhecer parte da história do Brasil. É música, arte e pensamento. Pra rir, chorar e se emocionar.

WELLINGTON SOARES

CURTA - Quando recebi o vídeo Processo Escalavra, do Marcelino Freire, era de manhãzinha, umas cinco e meia, eu despertado há pouco e diante do mar, no Coqueiro/PI, e, ainda em estado de poesia, escrevi pra ele: ver essa outra lindeza do Escalavra, curta de beleza imensurável, inspirado na sua obra homônima, é morrer em paz duas vezes e permanecer vivinho da silva em puro êxtase.

UM OUTRO OLHAR
POR NATHAN SOUSA

DUAS XÍCARAS PARA UMA NOITE EM CLARO

Ah, o café! Por Deus, eu bem poderia ter servido uma xícara a Lord Keynes ou a outro integrante do Bloomsbury.

À Virgínia, talvez uma dose de pinga fosse mais interessante.

A mim, basta-me um pouco do que guardam as manhãs esquecidas.

Para quem se acostumou aos restos que o tempo despreza, sorver o que quer que seja é mais fácil e posso ser mais feliz.

Viver talvez seja esta estranha forma de ser rico:

um riso qualquer em uma parada de ônibus, que ficou no final de uma noite chuvosa;

uma brisa leve, um aceno incerto, de uma meretriz;

o dedo em riste
de alguém que reza
e se contradiz.

* Textos do livro ALGUMA CERTEZA, Vencedor do Prêmio Cidade de Manaus 2021 (Prêmio Violeta Branca Menescal)

GONÇALVES

à memória de Carvalho Junior

Nestas distâncias sem conta,
Que a terra espalha e sepulta,
Afina-se o canto da ave
No que se revela e se oculta.

E a ave decola em prantos
Sobre as vazantes da vida.
Celebra o fio de espera
Sangrando o tempo e a ferida.

Seu olho mapeia o passo
Do homem que um dia dirá:
"Quisera, meu Deus, quisera,
Bater asas para lá".

CAMPEÃ BRASILEIRA XCC XCO

"A fé na vitória tem que ser inabalável"
Karen Olímpio, Campeã Brasileira de XCO e XCC 2021

AUDAX

Esta revista respeita o Meio Ambiente
Eclética!
FSC
FSC® C081655
FLORESTAS PARA TODOS PARA SEMPRE
ESCOLHA FSC.®
Você é uma COR da nossa História
Ela foi impressa em Papel Certificado
HALLEY
Gráfica • Editora • Cartonagem